

RAPARIGAS DE HOJE

PORTUGAL DE ÀMANHÃ!



AVULSO

1. ESC.
1.20

ANO II—N.º 91

11

FEVEREIRO

1943

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanaário gráfico de actualidades



FRANÇOIS GENTIL

Uma das mais distintas figuras da diplomacia francesa. Antigo ministro do seu país em Lisboa, onde conquistou profundas simpatias, foi depois nomeado embaixador em Buenos Aires, lugar que acaba de abandonar para dar a sua adesão ao general Gitaud.



JORGE DE CASTILHO

Aviador e homem de ciência, a quem o país ficou devendo alguns dos mais brilhantes feitos aeronáuticos, faleceu recentemente na Austrália, terra distante onde o tinha levado o cumprimento do seu dever de militar e de português.



ENGENHEIRO PAULO SILVEIRA DA CUNHA

Tendo desempenhado, com bastante proficiência, as funções de vice-presidente da Junta Nacional de Frutas, foi agora escolhido para o cargo de presidente do mesmo organismo corporativo.



ANTÓNIO SOARES

Um dos grandes valores da moderna pintura portuguesa, foi agora eleito, por méritos próprios, presidente do Conselho Superior da Sociedade Nacional de Belas Artes.

AQUI entre Nós



MARIA LAMAS

Uma das figuras mais interessantes da nossa literatura feminina, com uma obra já bastante apreciável, o seu último livro «Vale de Encantos» é, sem dúvida, uma magnífica afirmação dos seus méritos de escritora.



ARMANDO DE LUCENA

Professor e artista da pintura, merece relevo e louvor a obra de cultura para o povo que vem realizando num ciclo de conferências sobre motivos de arte, que tem constituído, nos gêneros, uma das iniciativas mais interessantes que se têm levado a efeito em Portugal.



DR. FRANCISCO VELLOSO

Distinto cronista da política internacional e nosso dedicado colaborador, o seu novo livro — «O caso Darian» — há dias posto à venda, constitui mais uma afirmação magnífica das suas altas qualidades de escritor brilhante e de observador de larga visão.

O HOMEM E O UNIVERSO

LISBOA assistiu, um dia destes, à rápida passagem de um bólide celeste, que por instantes prendeu os olhares de uns tantos centos de cidadãos relativamente pacíficos, destes que consomem a serenidade dos seus instintos a olhar para o ar — quando os «placards» não têm nada que ler... Não admira que assim seja. Desde que o mundo é mundo que o ser humano procura ler nos astros a lição da vida. E, embora muita coisa do que era mistério esteja hoje submetida ao rigor de regras científicas — que não comandam mas interpretam os movimentos da chamada mecânica celeste — a impressionante harmonia do espaço infinito não deixa de nos maravilhar. Tudo gira com a meticolosa regularidade do mais pontual de todos os cronómetros — e tão imutável é essa regularidade que quasi nos não chega a maravilhar, pois que vivemos nela e dela resulta a nossa vida. Não é, afinal, a harmonia da mecânica do espaço que joga rigorosamente com o que nós consideramos a nossa vida, mas é esta que resulta do mecanismo estabelecido. O homem é que, na infinita ignorância do seu infinito orgulho, não se lhe dá de se sentir o centro do universo e de julgar tudo organizado metódicamente para o servir...

CIRCULAÇÃO DA MOEDA

FORAM postas em circulação novas moedas de cobre com os valores de 10 e 20 centavos. A ciência económica dá-nos da moeda a definição de «instrumento geral das trocas, medida comum de valores». Eis uma função — a única função social que a orgânica estabelecida lhe pode reconhecer. Alguns, porém, parecem convencidos de que as moedas constituem, antes de mais nada, tema de interesse para coleccionadores, guardando-as cuidadosamente do curso de mão em mão para que foram lançadas. Lei do país, recentemente instituída para prevenir práticas gananciosas que o tempo parece fomentar, comina penalidades severas para tais actividades. Lei que existe é para se aplicar e da sua ignorância ninguém pode beneficiar. Vantagem pode ser, entretanto, que dela sejam lembrados os que sejam capazes de se esquecer...

UM GATO QUE SUBIU

UM gato deu-se ao desembaraço de escalar até aos altos de uma palmeira, onde teve que concluir que, se lhe tinha sido fácil lá chegar, tarefa difícil vinha a ser a de sair de lá. Foi preciso deitar a árvore abaixo, ao fim de cinco dias, quando já os habitantes das imediações estavam fartos de sofrer a desconcertada sinfonia dos agudos lamentos do felino. Podia daqui, com requintes de prosa, escrever-se uma fábula de mais apurado sabor clássico, porque a moralidade a tirar «ad usum» de nós, pobres mortais, seria esta: que muitas vezes nos deixamos aventurar a perigosas escaladas, esquecidos da rudimentar certeza de que todos somos tristemente sujeitos à vertigem.

O MUNDO DE AMANHÃ

O movimento de carreiras aéreas registado, durante 1942, na estação de Lisboa, dá um registo de 465 aviões entrados, com 236 toneladas de carga — 48 para o nosso país — e 4.490 passageiros. Isto são números que ficam e que servem para ensinamentos futuros. Quando a guerra acabar — o mundo terá dado uma grande volta e mal irá aos que não tiverem sabido tirar dessa experiência a lição conveniente. Uma dessas lições é isso mesmo: o papel que fica cabendo, na vida dos povos, aos transportes aéreos. Tudo será mais rápido, como a dar-nos a certeza de que o mundo não é tão grande como se julgava no tempo de Vasco da Gama. Resta que cada um saiba também compreender que ele não é tão pequeno que não chegue para todos...

Lisboa viu na montra duma sapataria um par de botas que lhe encheu as medidas, entrou na loja, experimentou as botas, verificou que lhe ficavam como uma luva — e ficou com elas, por algumas dezenas de escudos. Não reparou, porém, que dois sujeitos da alta roda da especialidade tinham visto tudo, e assim, mal o nosso algarvio saiu da loja, aproximaram-se dele, contaram-lhe uma história — e levaram-lhe as botas. Foi o fim do mundo. O homem não se limitou a perder as botas: perdeu também a cabeça. Correu à policia, narrou o sucedido — e esperou. A esperança não o calça como o calçaria o par de botas — mas sempre é uma consolação. De resto, se chapéus há muitos, pares de botas não faltam...

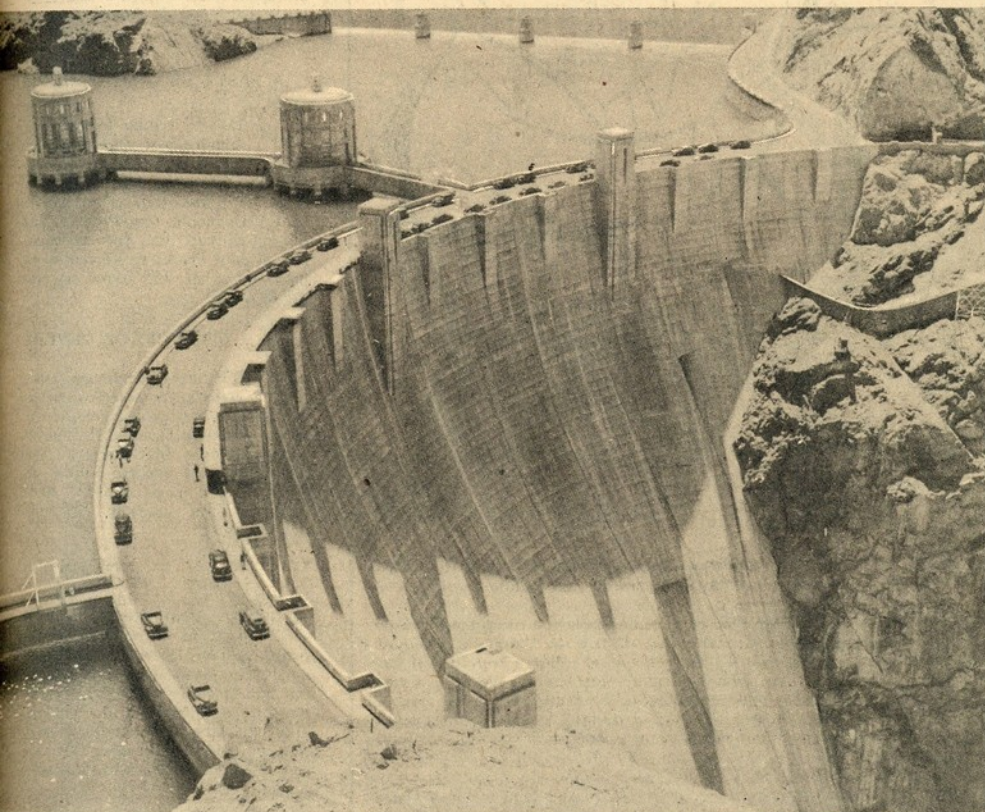
II

LEAMOS agora um volume em que se faz a história da enguia. Ficamos sabendo que esta senhora é uma senhora muito antiga e deve ter aparecido num mar que existia mais ou menos onde é hoje o Atlântico equatorial, na época secundária, — quando ainda não havia homens. Aristóteles foi, segundo todas as probabilidades, o primeiro historiador da enguia. A semelhança de todos os historiadores não disse tudo — e errou muito. Desde então, os eruditos da enguia têm-se multiplicado, desde Redi, que estudou a sua dupla emigração, até Calandruccio, que se permitiu pescar e estudar o primeiro macho sexualmente maduro. Aparte todas as preocupações do momento, a enguia continua a interessar os cientistas. Pela parte que nos toca, e como homem de ciência, apenas sabemos isto: que, de caldeirada, é excelente...

III

QUANTOS jornalistas haverá em Portugal? Há quem afirme: 6 milhões. Mayer Garçon costumava dizer, sorrindo, que, embora a população de Portugal fosse de 6 milhões, havia 7 milhões de jornalistas — porque 1 milhão de pessoas assinava com pseudónimo. Trata-se duma «blague» que encerra, contudo, a sua verdade. Toda a gente se julga capaz de escrever para os jornais — e escreve mesmo. Mas jornalistas, verdadeiramente jornalistas — quantos haverá?

Uma barragem de 225 metros de altura grande obra de engenharia dos ESTADOS UNIDOS



Sul do golfo e cujo enxugo deu origem a uma rica região agrícola — O Vale Imperial. — elevando-lhe o leito, que se tornou instável. Em cada grande cheia há o risco de se escavar uma passagem para Oeste no sentido da linha de maior resistência e de submergir aquele Vale, situado parte em território dos Estados Unidos, parte no México.

Por outro lado, a parte baixa da bacia, fértil se tiver uma irrigação suiciente, não recebe mais do que duzentos e cinquenta mm. de chuva, sofrendo as agruras da seca, depois do período das águas altas. Presentemente, a irrigação desta região e assegurada pelo Canal chamado «All American Canal», que tem 250 km. de comprimento e 410 metros cúbicos por segundo de caudal. O abastecimento de água da região de Los Angeles efectua-se pelo aqueduto do Colorado que possui 385 km. de extensão e um caudal de 42,5 metros cúbicos por segundo. A necessidade de garantir estes caudais e pôr a parte baixa da bacia ao abrigo das chuvas, justificou o estabelecimento dum plano grandioso de regularização do rio, que foi estudado a partir de 1928 pelo Bureau of Reclamation. Foi levado a cabo, praticamente, no ano de 1938.

No local de «Boulder Creek», uma garganta apresenta a largura de 130 metros no Talvegue à cota (153), largura esta que atinge 300 metros na cota (375). Era o local naturalmente indicado para a construção da grandiosa barragem agora

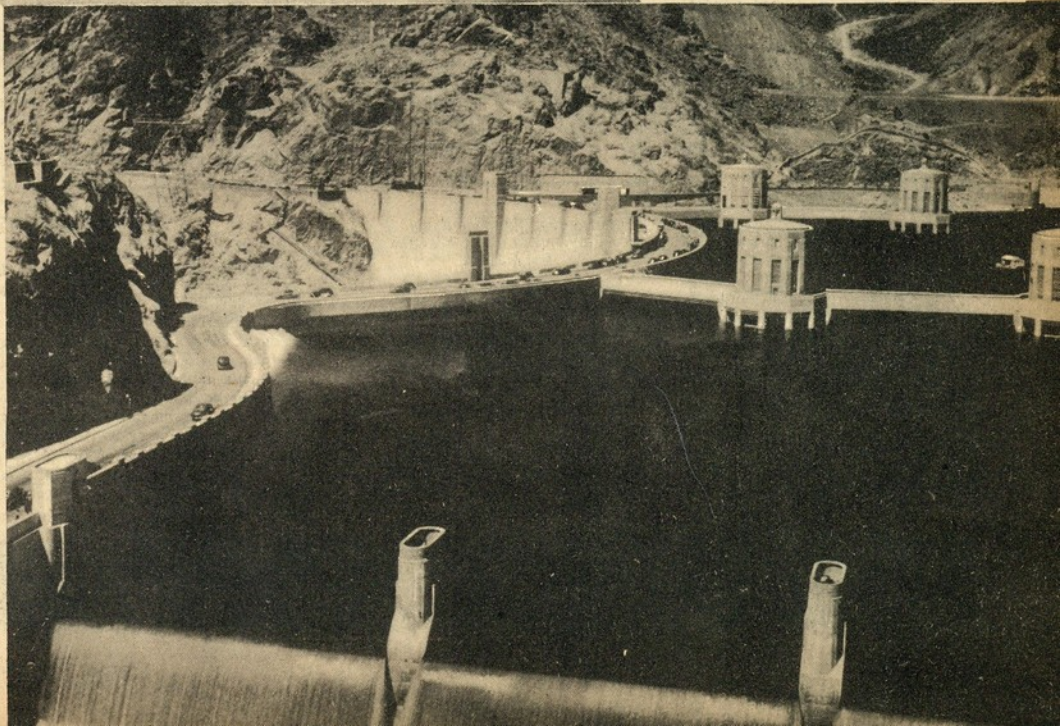
(Continua na pág.22)

A bacia hidrográfica do rio Colorado estende-se por territórios de sete estados da União e ainda pelo México, na sua parte superior.

A fantástica área desta bacia hidrográfica só pode avaliar-se

comparando-a com um valor conhecido para nós. É sete vezes maior do que a superfície de Portugal continental. O seu caudal médio é de 670 metros cúbicos por segundo.

A direcção geral do rio Colorado é Norte-Sul, passando numa estreita e profunda garganta chamada «Black Canyon», indo lançar-se cerca de 500 km. a jusante na extremidade norte do Golfo da Califórnia, já em território Mexicano. Anteriormente, a foz do rio encontrava-se na margem Este do Golfo que se estendia mais para Norte. O caudal sólido, avaliado em cerca de 164.000.000 de metros cúbicos por ano, deu origem à formação de um delta que separou do mar a parte



CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

UM belo dia se ajuntaram os amanuenses a conselho e todos resolveram, que não podendo viver, se fôsem lançar em uma lagoa, e se afogassem, sem ficar mais sombra de tão triste geração; ora indo já correndo todos, fizeram tão grande algazarra, que os ouviram as rãs que estavam junto do charco de barriga ao sol; e como tivessem grande medo do ruído foram-se lançando à água, mesmo vestidas como estavam, ganhando-lhe a dianteira do precipício. Logo notou isto um dos amanuenses, que ia adiante, e parou, fazendo deter os outros, a quem disse: «Senhores, tende mão no pé, não nos lancemos a perder por estúpidos ou infelizes, pois vemos que ainda o são mais estas rãs, que têm medo de nós, e por nossa causa se precipitam; donde digo, que não há tristeza, miséria ou estupidez no mundo, que não haja sempre outro que as tenha maior, e com quem a gente possa consolar-se».

Os amanuenses concordaram, festejaram aquela filosofia, regressaram a seus ofícios, e todos os dias se lembram das rãs no charco.



A CAPA AZUL

ENCONTRAMOS, recentemente, no eléctrico, a sr.^a D. Alice Oeiras, conhecida declamadora, envolta numa grande capa azul. Por sinal que, com a aglomeração na plataforma, esteve em risco de cair. Mas, mais uma vez se provou: quem tem capa — sempre escapa...

GULODICE

VIMOS ontem Artur Portela comendo pão com manteiga. As nossas efusivas felicitações.

MISTÉRIO DESVENDADO

JOÃO Ameal estava, há dias, meditando a uma mesa de «café». O seu ar preocupado, o seu nariz sério, ofereceram-me — devo confessá-lo — graves motivos de

U M B O U R B O N



BOURBON E MENESES (Afonso Augusto Fação Cota de) — 1890 —
Escritor e jornalista português, nasceu em Lisboa.

Desde os sete meses que se vem dedicando ao jornalismo, colaborou na «Manhã», no «Mundo», no «Diário da Tarde» e, presentemente, escreve no «Diário de Notícias» e no «Diário Popular». É alto, magro, loiro, não tem qualquer sinal particular, segundo o seu cartão de identidade, tem uma decidida predilecção pela vida de «café» (onde pensa, fuma, trabalha e dorme) e o seu maior sonho é aposentar-se, como funcionário, com o ordenado por inteiro — sem ter atingido o limite de idade. Como escritor — que o é, de verdade — publicou, entre outros, os seguintes volumes de maior ou menor volume: «O génio e o coração de Antero»; «Só li lo quios»; «Paradoxos de Adème»; «Ronda da noite» (impressões dum guarda-nocturno intelectual) e «Menino», (autobiografia). «Dê-se se pode dizer — afirmam os críticos amigos — que escreve com o próprio sangue, de tal maneira a prosa lhe sai viva, fremente, rubra» (vidé «Diário de Lisboa», 29-2-937. Em tempos, foi-lhe oferecido o grau de cavaleiro de Santiago da Espada, que agradeceu, mas não aceitou — por não saber andar a cavalo.

(Do Dicionário Universal da Má-Língua)

preocupação. Aproximei-me, e com a velha amizade que nos liga, perguntei-lhe familiarmente:

— Que foi, João Ameal? Que lhe aconteceu? E ele, mostrando-me um jornal.

— É isto, meu amigo, isto que me tira anos de vida... As palavras cruzadas!

E, caindo em erudita prostração, murmurou:

— Nome dum primo de Tu tan ká mon horizontal... Quem será este tipo?

REGISTO LITERÁRIO

A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: *Fabulário e Pastorais de Francisco Rodrigues Lobo*, dois livros que os prefácios de Mário Gonçalves Viana valorizam ainda; *De bom humor*, um punhado de páginas sugestivas firmadas pela eterna mocidade de Reis Gomes, ilustre escritor madeirense; *Uma entrevista*, de Marinho de Nóbrega, pequeno opúsculo em que passa a figura do Padre Cruz; e

LENÇÓIS TURCOS

SEGUNDO nos informam, encontram-se valorizadíssimos os lençóis turcos. Porque será?

O ARROZ

PARECE haver orizicultores dispostos a não cultivar arroz no ano presente. Metam-se nessa, que quem manda lhes dará o arroz...

Lavoisier em Trás-os-Montes, em que Leonel de Parma Cardoso nos demonstra que o humorismo não conhece limites — na sociedade.

RÉCLAMES

SEGUNDO nos diz Artur Portela, o sr. Fausto de Figueiredo não anda nada satisfeito. Dantes, os jornais ocupavam-se muito do Estoril: agora não falam senão em Paço de Arcos!

A PASTA DE GASPAR SIMÕES

O famoso crítico João Gaspar Simões traz uma pasta que é um autêntico armazém. Abriu-a, há dias, na nossa frente. Trásbordava de livros, papéis, canetas de tinta permanente, roupa branca, dois guarda-chuvas, um par de botas, pastas para dentes e — é claro — os manuscritos de 135 livros em preparação...

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

ESTE nosso camarada, especialista em assuntos navais, vai publicar um grosso volume intitulado *Marinha Grande*. Pede-nos o editor António Maria Pereira que informemos os nossos leitores de que a edição já se encontra esgotada — e que escusam de pedir exemplares...

O DINHEIRO

UMA noite destas, o actor Manuel Correia, que desempenha (aliás com muito merecimento) o papel do avarento Gaspar nos *Sinos de Corneville*, feriu-se na cena da contagem do dinheiro. Uma das moedas (que são de lata) golpeou-lhe uma das mãos. Eis uma cena simbólica — para uso dos avarentos.

O DR. JOÃO DE BARROS

SE querem ver zangado o dr. João de Barros, chamem-lhe doutor. Perde a cabeça. Ainda ontem ele dizia: — Lá alcunhas jurídicas, não. Nada de brincadeiras...

ÊXITO FENOMENAL!

TIVOLI

TODOS OS DIAS!

UM NOVO E GRANDIOSO TRIUNFO

DA PRESTIGIOSA MARCA

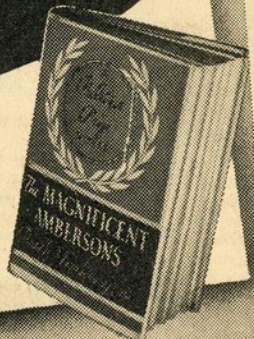
Uma realização portentosa de **ORSON WELLES**



1
4.

MANDAMENTO

com
JOSEPH COTTEN • DOLORES COSTELLO • ANNE BAXTER • TIM HOLT
AGNES MOOREHEAD • RAY COLLINS
ERSKINE SANFORD • RICHARD BENNETT



UMA PRODUÇÃO QUE TODA A LISBOA DEVE VER!

7 dias de Cinema

por Fernando Fragoso



Lola e Priscilla, as duas irmãs Lane, ao lado de Jeffrey Lynn e de Frank Mac Hughs — o noivo da última e o burguês marido da primeira...

ANDY Hardy abriu a série. O público do mundo inteiro começou a interessar-se pela família do velho juiz de Carvel e pelas aventuras cómico-sentimentais do primogénito... E,

desde então, todos os anos, encontrámo-nos com eles, através do diáfano véu da tela branca, na praia ou no campo, na casa modesta da cidade provinciana onde vivem, ou, em Nova-York, à sombra dos «arranha-céus tem flor»... A pouca e pouca, imiscuímo-nos no seio daquela família respeitável. Conhecemos as qualidades e os defeitos de cada um. Ansiámos por ver a Tia Milly casada, ela, coitada, que teve tantas desilusões de amor, e que concordou, nos sobrinhos, os afectos do seu estéril coração de solteirona. Aprendemos a respeitar a figura nobre e austera do juiz Hardy, porque o vimos resolver com a consciência, e não com o código, os problemas que chegaram até ao Tribunal. Sentimos as conselheiras da mamã Hardy, entregue perpetuamente às lides da cozinha, e sempre com uma lágrima de emoção e de ternura, pronta à primeira voz... Todos nós concordámos em que Miriam, a irmã do Andy, é um bocadinho implicativo: que a Polly Benedict tem mimo, a mais, e bom senso a menos; e que o Andy, com os seus entusiasmos e eternas complicações — é o que pode chamar-se, em bom americano, «a smart guy»...

A casa de Carvel, com os seus dois pisos, e a velha escada, que o Andy sobe subrepticamente, quando vem a deshoras, não tem segredos para nós... Somos capazes de encontrar os óculos que o juiz Hardy deixou sobre a papeleira, quando ficou a ler o jornal, e de saber em que parede é que o Andy põe o retrato da última «sweetheart»... Desde que franqueámos, pela primeira vez, a cancela de madeira, ao lado da caixa do correio, e cuja alameda nos leva simultaneamente à garagem, onde está o sempre encravado carro de Andy, e à porta que dá para o vestíbulo, mesmo em frente do relógio — que marca as horas tristes e alegres da mais simpática família da tela — desde que entramos, pela primeira vez, dizíamos, na modesta residência do magistrado de Carvel, ficámos com o desejo de lá voltar...

Encontrámos, ali, o ambiente simples e acolhedor, das boas tradições da hospitalidade provinciana — e uma noção, muito louvável, do viver de família. A autoridade paterna adoptou uma fórmula, que não hostiliza o sentido de camaradagem em relação aos filhos. E, assim, quando Andy tem dificuldades, que julga insuperáveis, e se fecha, no escritório, para fazer as suas confissões, «de homem para homem», é ao pai que

recorre, e é d'êle que ouve o bom conselho. Se todos os pais soubessem ler pela cartilha do juiz Hardy — os filhos não seriam, para eles, como tantas vezes sucede, uns estranhos...

Os filmes da «Família Hardy», singelos, optimistas e sádicos — a despeito do desportivismo amoroso de Andy Hardy — são a crónica permanente da vida privada da família-burguesa tipo. E descontentas as facilidades do «train de vie», americano, encontramos nos Hardys qualquer coisa de comum a todos nós... E não nos repugna admitir, por isso, que eles vissem nas Avenidas Novas ou em qualquer das nossas cidades da província. E esse é, quanto a nós, o segredo do êxito que os filmes daquela série alcançaram...

* * *

Hollywood — como de costume — reincide na mesma fórmula, quando a iniciativa formal é balejada pelo êxito. A Metro inventou os «Hardys», a Columbia criou os «Blondies», e a «Warner» descobriu os «Lamps». Até, entre nós, a Emissora Nacional explorou, durante alguns meses, os ridículos da antipática «Família Simões» — que tinha um pouco de todas elas, no aspecto menos louvável, e com a agravante da inevitável deformação altacinha...

Os «Blondies» eram uma família de «telhudos». Loucos demais, para a sensibilidade e neurastenia ingénita do público português. Faziam rir — mas não falavam ao coração... E ante as aventuras e desventuras que se sucediam naquela casa, o espectador tomava um ar superior e comentava, en-

jocado, entre dois bocejos: — «Que americanada!»

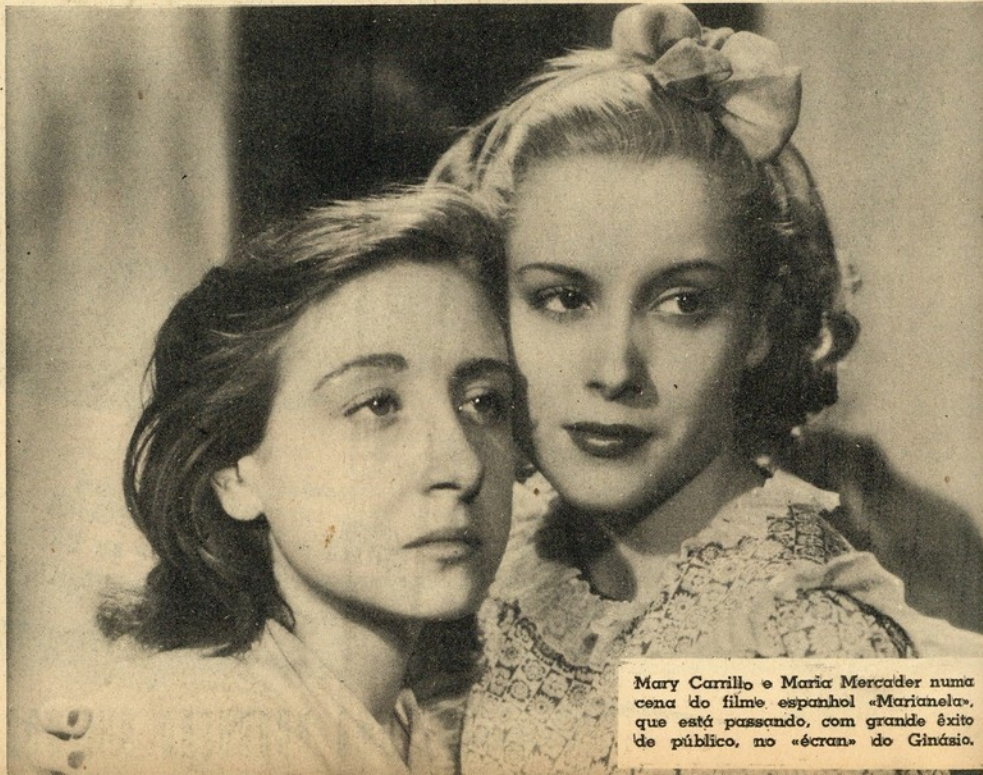
Com os Lemp — o caso é diferente! Os filmes, baseados nas preciosíssimas figuras das quatro lindas irmãs Lane e de Gale Page, têm um cota intelectual — digamos assim — mais elevada! Há neles introspecção anímica. Os episódios têm menos importância do que o conflito de almas. E, na história, é a personalidade de cada uma daquelas mulheres que encaminha o curso dos acontecimentos. As quatro raparigas, filhas do velho músico, diferem muito das «quatro irmãs», de Louise May Alcott. Vivem mais à maneira do nosso século. Ressentem-se da falta da própria mãe. Não conseguem lutar contra as tentações — e deixam-se arrastar no redemoinho do amor. Umas têm sorte, outras sucumbem ao fatalismo «do que tem que ser».

Priscilla, neste seu segundo filme, já viveu duas vidas... E linda a história de «Quatro noivas», radica-se a convicção de que poderá ser a intérprete de muitas outras fitas, porque, na sua alma, nada há de permanente ou de estável. Flor delicada, e sensível, parece ceder ao sópro do Destino, que a arrasta consigo e a faz vergar a seu bel-prazer, sem que ela esboce uma reacção, por pequena

que seja.

Na série, iniciada com «Quatro Filhas», as figuras têm um recorte magnífico. Estão desenhadas a capricho, com um encanto e um pitoresco inenarráveis. O velho Lemp, enquanto tiver alunos e conseguir organizar uma orquestra, é capaz de suportar todos os desgostos. A tia Eta — a malograda Mãe Robson — podia ser portuguesa e ter vindo ao mundo, na cidade ou na aldeia onde nós nascemos. Quere isto dizer que a sentíamos — porque todos nós conhecemos uma boa senhora, com as qualidades e defeitos de amorável Tia das quatro irmãs, Michael Borden, cuja existência findou na primeira pelúcia, mas que está «vivo» e «presente» em «Four Wives», é o vencido da vida, o homem que falhou — porque o Destino foi contra ele... O alegre rapaz que Jeffrey Lynn personifica, tomado simultaneamente na paixão das quatro irmãs, tem todo o encanto do «eterno masculino», na despretenção, na graça, na alegria e mocidade da sua presença e das suas intervenções. Nas quatro raparigas, há todo um tratado de psicologia feminina: uma é ambiciosa, e sacrifica, ao casamento rico, os seus mais queridos sonhos de adolescente; outra é vaidosa

(Continua na pág. 23)

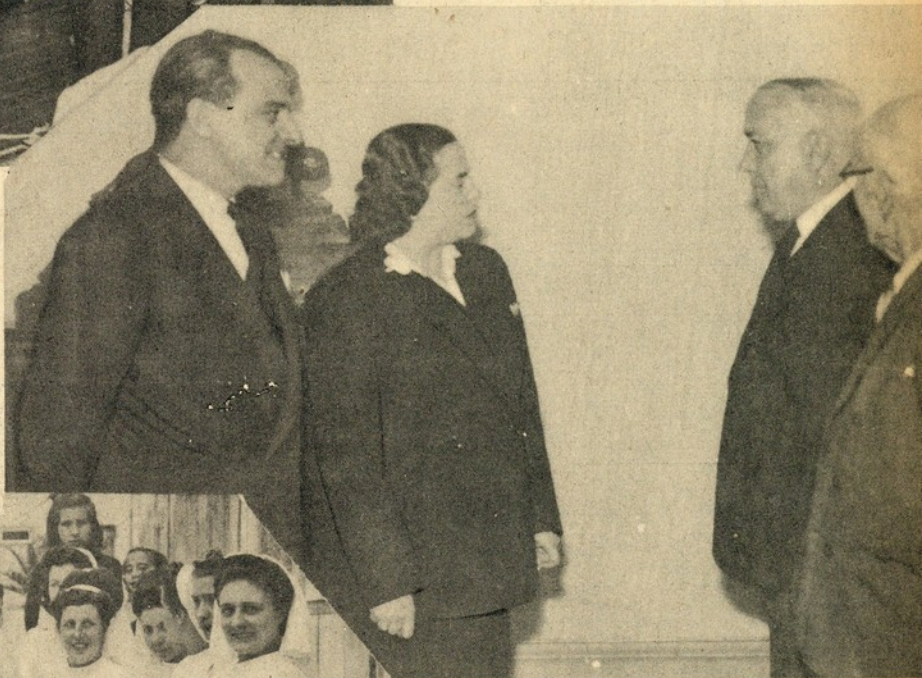


Mary Carrillo e Maria Mercader numa cena do filme espanhol «Mariamela», que está passando, com grande êxito de público, no «écran» do Gineásio.

Entre nós



O capitão de fragata da marinha espanhola, D. Julio Guillen, realizou na Sociedade de Geografia uma conferência acerca da «Cartografia portuguesa da sécula XVI». Presidiu o sr. dr. Queiroz Velloso. O conferencista evocou os nomes de alguns cartógrafos portugueses e, entre eles, o de Fontoura da Costa, cuja obra enalteceu com ardor. Depois, lembrou o glorioso papel histórico da Marinha portuguesa, irmã da espanhola nas incomparáveis viagens, em que se revelaram os mundos novos. Enalteceu, por sua vez, os trabalhos do iniciador visconde de Santarém. Por fim, o sr. D. Julio Guillen apresentou em projecções luminosas algumas cartas portuguesas, onde o Mundo vai surgindo, desde o estreito de Magalhães, até à extremidade da Terra do Fogo e às escarpadas margens do Cabo Horne.



A conhecida jornalista Fernanda Reis proferiu, na sessão comemorativa do 48.º aniversário do combate de Marracuene, organizada pelo Jornal Radiológico de Rádio Renascença, intitulado «Mensagens do Império», que se efectuou no Ateneu Comercial de Lisboa, uma conferência acerca daquela célebre batalha que intitulou: «Marracuene, expressão de unidade combativa». Presidiu à sessão o sr. dr. Magalhães Cardoso, secretário do sr. ministro das Colónias, o qual tinha à sua direita o sr. major Encarnação e Sousa, um dos quatro oficiais sobreviventes daquela campanha; e, à esquerda, o sr. Alfredo Bernardes, representante do jornal promotor, que pronunciou algumas palavras alusivas ao acto e fez a apresentação da conferencista.

O «Dispensário dos Pequenininos de Beufica» esteve em festa a semana passada, pela passagem do segundo ano da sua existência. No número das comemorações, houve um concurso de «bébés», no qual participaram 35 crianças, que disputaram seis prémios de enxovais completos. Antes, porém, na sessão solene, a tesoureira da comissão administrativa disse que durante a existência do Dispensário foram tratadas 565 crianças e feitas 1.482 consultas, 162 tratamentos e 314 injecções e distribuídos 1.068 medicamentos. Além disso, fixeram-se 926 pesagens e distribuíram-se 269 quilogramas de farinha e 2.783 litros de leite, havendo no Natal uma distribuição de géneros por 60 famílias.



Imagens
da
ITALIA
na
guerra



NA «FRENTE» DA TUNÍSIA

Este é um soldado italiano do «Batalhão de S. Marcos». Está contente — porque recebeu boas notícias da família distante.

Entre nós



Nos estúdios da S. P. N. inaugurou-se uma exposição de trabalhos do desenhador polaco Felix Topolshof, que reside actualmente em Londres.

O Instituto Nacional de Educação Física comemorou o seu 3.º aniversário com uma festa a que assistiu o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, director geral de Desportos e Educação Física. O sr. major Leal de Oliveira pronunciou um discurso, tendo feito largas considerações acerca da actividade daquella instituição.

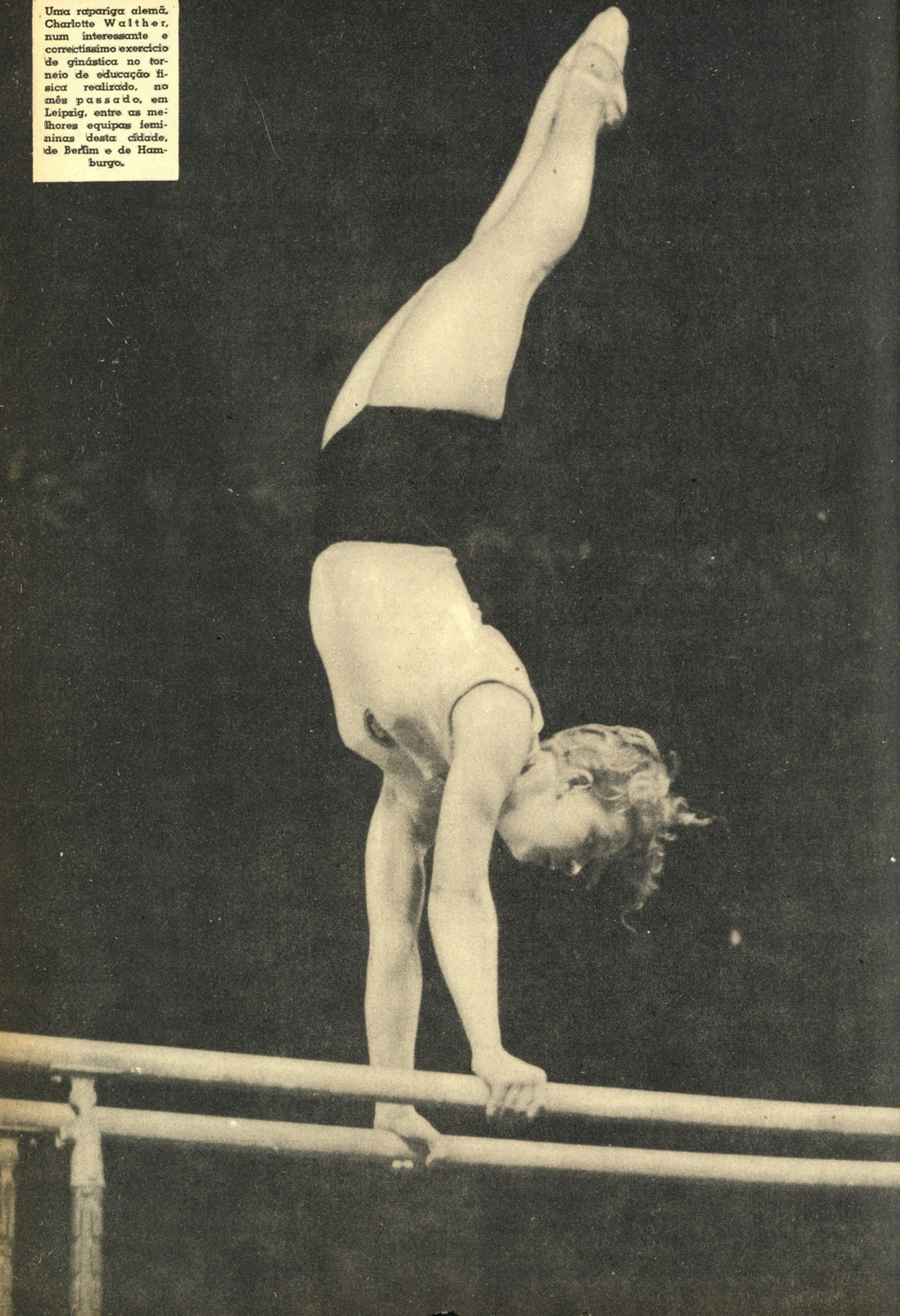


O Grupo Tauromáquico Sector I obteve, na sua sede, um banquete ao escritor e jornalista espanhol Henrique Vila. Presidiu o sr. Carlos de Ornelas, presidente do Grupo, que tinha à sua direita o homenageado e o catedrático D. Eugenio Montes, director do Instituto Espanhol de Lisboa, e, à esquerda, os srs. conde de Montefuerte, ministro-conselheiro da embaixada de Espanha, e dr. Emilio Infante da Câmara.

A «Revista de Marinha» comemorou, com um jantar 7.º aniversário da sua fundação. À volta do seu director o ilustre jornalista Mauricio de Oliveira, viam-se, e outros, o nosso querido colaborador sr. dr. Francis Velloso e o conhecido editor António Maria Pere



Uma rapariga alemã,
Charlotte Walther,
num interessante e
correctissimo exercício
de ginástica no tor-
neio de educação fi-
sica realizado, no
mês passado, em
Leipzig, entre as me-
lhores equipas femi-
ninas desta cidade,
de Berlim e de Ham-
burgo.



UMA PÁGINA DE HISTÓRIA DA POLÍTICA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

A REVOLTA DOS ESTÉTAS

I—INTROÍTO—A REVOLTA DOS ESTÉTAS.

HA vinte e cinco anos passados, o apostolado nacionalizante (o termo nacionalista é discutível aqui) que António Sardinha pretendia exercer no movimento intelectual e literário do Integralismo Lusitano, deu motivo, ou antes contribuiu para uma scisão nas fileiras dessa mocidade letrada e dessa juventude de «clerics», que tiravam os seus cursos no Studio Geral de Coimbra. A não obediência aos canones e à ética literária que um A. Sardinha, poeta de escassos recursos e ainda e sobretudo influenciado por Louis Mercier, nos «Poémes de la maison» pretendia impôr—deram motivo à Revolta dos Estétas, decorrida no estio de 1917 e que teve início na calma toledana de Coimbra, com uma carta por nós mandada a António Sardinha e por ele comentada nas colunas da «Monarquia».

Acompanharam ou deram adesão sincera a esta atitude de desassombro e de independência moral, João Cabral do Nascimento, Alfredo Freitas Branco (Visconde de Pôrto da Cruz), Fernando Caetano Pereira, Américo Cortês Pinto, Luiz Vieira de Castro e António Thomaz de Bourbon, todos escritores e poetas na Lusa Atenas, excepto o Visconde de Pôrto da Cruz que estudava direito em Lisboa, e até então, nas fileiras do Integralismo Lusitano. Nos comentários de António Sardinha existia um postulado nacionalizante, bastante restricto, discutível ainda hoje e evitado dum erro de visão. Pretendia coagir um espirito de vinte anos a uma determinada atitude de obediência nos problemas da coisa literária; e conseqüentemente vaticinava que mais tarde o autor da epistola em questão se arrependeria de a ter escrito.

II—INTEGRALIDADE E ARTE. COMENTARIO DE ANTÓNIO SARDINHA.

«Damos em seguida uma carta que a propósito de Integralismo e Arte nos dirigiu o nosso colaborador sr. Correia da Costa. Não discutimos esse documento, que é simplesmente indiscutível pela anarquização mental que revela. Não é que Correia da Costa não nos mereça o mais vivo aprêço pelas suas belas qualidades de espirito. O que succede é que Correia da Costa anda perdido nas miragens dos *Paraisos-artificiais*, que em literatura são figurino já bastante decaído de moda. O artificialismo artistico porque se bate Correia da Costa é a nega-

ção de tôdas as aspirações modernas e nada traduz do elemento psicológico, sempre vivo e sempre humano, em que a Arte deve embeber-se, como perfume que é da existência. Numa incompreensão lamentável do que seja no dominio das letras o regionalismo e o tradicionalismo, Correia da Costa toma-os, como paisagens de convenção, onde os boishinhos pastam, e os moinhos de vento se quedam pasmados para o ar. Esquece-se Correia da Costa que o individualismo não se manifesta só filosofica e politicamente. Manifesta-se da mesma maneira artisticamente. Não faz sentido atacá-lo no dominio dos factos sociais para o cultivar com esmero no campo da Arte.

Sucedê também que desde que há um temperamento português, há por consequência uma *sensibilidade portuguesa* e um *gosto nacional*. É o *gosto nacional*, é a *sensibilidade portuguesa*, que nós precisamos de restaurar contra o estrangeirismo que nos deprava e amesquinha.

É este um ponto de que não abdicamos,

O *Integralismo* não é uma atitude de dandismo intelectual,—é uma corrente que tende a ser acção, depois de ser *convicção*. Nestes termos, Correia da Costa entende que não pode continuar mais commôco. Tira legitimamente e honestamente as conclusões de certas tendências enunciadas pela «Monarquia», perante Estéticas, Estétas & C.^a (1).

Isto nos leva a estimá-lo ainda mais, na esperança segura de que, uma vez curado do sarampo os-carwildesco que o atacou com tanta raiva, o vejamos definitivamente combatendo o bom combate ao nosso lado.

Segue a sua carta, que—repetã-se,—não discutimos. Mais tarde Correia da Costa é que se há-de arrependêr de ter deixado de si um documento, como o que aí fica.

(«A Monarquia» de 14 de Setembro de 1917).

III—ACERCA DE QUESTÕES DE INTEGRALISMO E ARTE. CARTA DE CORREIA DA COSTA.

«Meu caro doutor António Sardinha: É chegado o momento oportuno, depois de tão longas discussões sobre Arte, artistas e processos de emoção literária, de lhe enviar fugidamente alguns dos meus dizeres sobre a alma vã, subtil e efêmera das coisas de arte, que prendem a minha sensibilidade ao culto do inédito, do que em nós vive diferente dos outros, do que nos eleva sempre e nos timbra de orgulho, nos enlaça de carinho pela nossa própria obra—legenda duma ânfora que os nossos dedos enlaçaram de esbelteza e curvas gregas e outro amarelento,

Sentir a arte é já, de per si, dar perante a acaciana gente que em Portugal lê os mediocres e os cérebros mais ou menos oficializados pela literatura do regime ou do grémio político—a grande, a embriagadora, a tumultuante e europeia prova de que a Arte é tão grande na sua concepção para este século de névrose e loucura, que até os próprios poetas têm de sentir o culto enervante dos seus ritmos, desprezando o isocronismo almanaguano da métrica e o culto místico de cantar o panteísmo longo-seculariano dos bois, que pastam sobre o dorso anquilosado dos montes e as lavadeiras, que betairas da água, cantam, e lavam sobre a pedra a canção pálida das roupas, que se clarificam, puras de nódoas!

E, assim, lembrar-lhe-ei, já que esta carta de aquarelismos preciosos tem de ser burguesamente longa, que a minha Arte ou evoca ou cria.

Isto é, ou vive a legenda do que foi através a roupagem complicada, confusa e bela dos ritmos, das rimas

e da elegância do conjunto, ou cria o que os outros ainda não criaram ou sentiram.

Façamos da Arte a nova Índia da nossa emoção e agora que o sonho quincentista da raça adormece a sua vontade e envelhece na sua ânsia de revolta e além, levantemos da praia da beleza e, nas caravelas, como ânforas imprevisas e gazelas marinhas, demandemos o pôrto inédito e desconhecido do nosso Reyno de beleza!

Ora o meu Amigo, a quem lhe serve a frase que circunda a figura de Sá de Miranda, o doutor a quem não fizeram mal as musas, quer que eu deixe o meu jardim irreal de caprichos extravagantes e frases de decadentismo elegante, e lhe diga a natural e rude expressão do meu desejo—desejo que aliás criou o motivo desta epistola.

Em princípios deste ano, fixei e publiquei na «Monarquia» e «Pátria Nova» (?) documentos da minha convicção integralista, convicção

(Continua na pág. 22)



DR. ANTÓNIO SARDINHA

(Foto San Payo)

Os rapazes e as raparigas de Portugal preparam-se para a vida prática!



O ensino técnico profissional é hoje frequentado por milhares de rapazes e raparigas. Dia a dia, o número de escolas vai sendo insuficiente para comportar uma tão numerosa população de estudantes. Só em Lisboa as quatro escolas industriais existentes — a António Arroio, a Fonseca Benevides, a Machado de Castro e a Marquês de Pombal — deixam, todos os anos, centenas de alunos por matricular, porque as exiguas instalações não podem albergar mais alunos. O curso dos liceus tornou-se, pelas elevadas propinas, pouco acessível às classes que usufruem proventos do trabalho; além disso, quem traz os filhos a educar no ensino liceal espera, com sacrifício, a entrada nas escolas superiores. Ora, um curso superior está hoje talhado só para o burguês endinheirado, que empurra os filhos para a Universidade com um saco de moedas a tinir, embora a cabeça possa ir vazia...

Dêste modo, o ensino técnico é assediado por uma população que quer aprender — e tem poucas posses. É justo, pois, que se lhe franqueiem as portas — que se lhe dê instrução. Por outro lado, o ensino industrial é essencialmente prático. Serve para a vida corrente. Nada de complicações nem latins que se esquecem ao voltar da folha, nem trigonometrias para quem pre-



cisa de lidar, apenas, com as quatro operações.

Tudo quanto lhe ensinam tem aplicação na vida prática. A base de todo o curso é o desenho. Desde os primeiros anos até ao último — o 5.º, complementar, que dá entrada

no Instituto Industrial — os rapazes familiarizam-se com a prancheta. É o desenho geométrico, à vista, o de máquinas, o de construção civil, o ornamental, o arquitectónico. E a par disto, nas aulas, vão conhecendo problemas de matemática, de

física, química e tecnologia, sem falar, como disciplinas de cultura geral, na geografia, história, francês, português e higiene.

No fundo, o que pretende o ensino técnico? Preparar artífices conscienciosos, homens que amanhã, na vida, podem, com certo prestígio, desempenhar lugares de responsabilidade numa empresa fabril ou numa grande oficina. Por isso, os cursos oficiais têm revelado artífices de nome. No torno, na «freza», no limador, à bancada, batendo o ferro na bigorna, os rapazes das escolas industriais vão-se preparando, arduamente, para a grande batalha da vida. E é vê-los, alegres, fatos de ganga, numa apoteose festiva ao trabalho, vencer com o suor do seu esforço! E não se julgue que a vida da oficina, na escola é um curto recreio. Os rapazes ali trabalham, têm muitas vezes camarinhãs bailando na testa.

É que — eles sabem-no bem! — só acabam o curso os que, pelas próprias mãos, apresentarem um certo número de trabalhos.

Uma das grandes qualidades do ensino técnico é, também, não abandonar o aluno, quando amanhã ter-

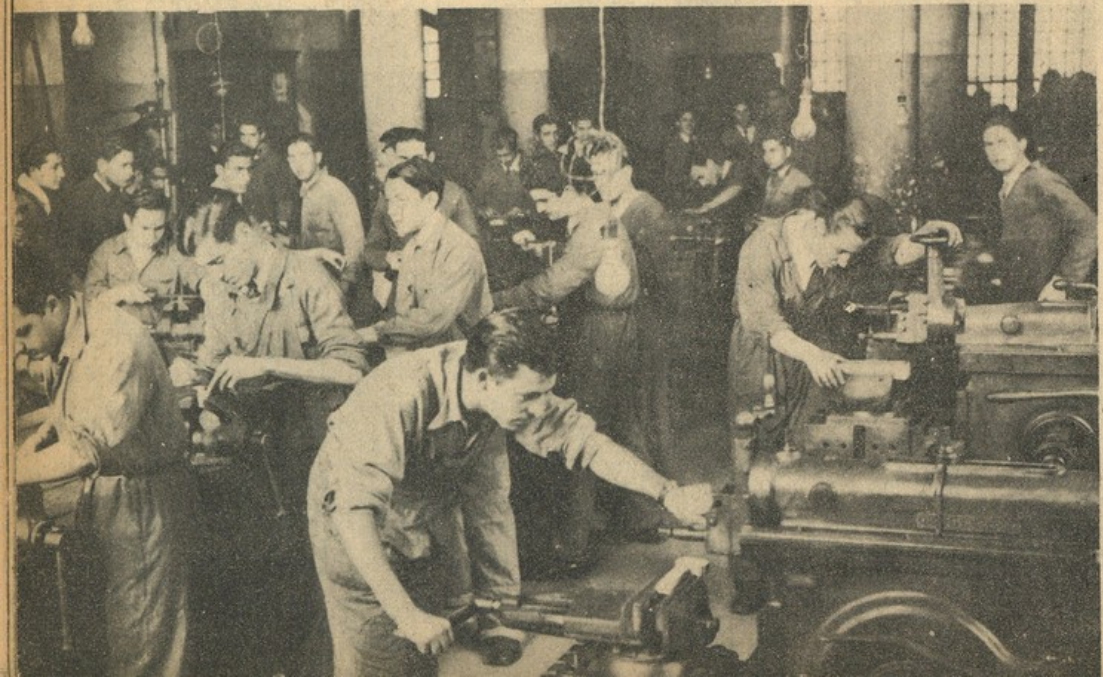
mina o curso. Há empresas que preferem os rapazes com aptidões escolares. Bem sabemos que, na prática, aparecem problemas que a escola não pôde, por si só, resolver. Todavia, com os conhecimentos adquiridos, o nóvel operário, dentro em breve, está senhor da situação. É assim que as Companhias do Gás Portugal e Colónias, a Fosejora, chegam a indagar, junto das direcções das escolas, quais os alunos que estão em condições de poderem trabalhar. E, ainda não há muito tempo, uma empresa particular admitiu ao seu serviço três rapazes com os cursos industriais e mandou-os, depois, pelas provas belíssimas que deram, estagiar ao estrangeiro, onde voltaram com técnica e conhecimentos profundos.

Os cursos que se ministram nas escolas são variados. Há a serroalheria mecânica e civil, tornear e electricista; marceneiro, embastador, carpinteiro; auxiliares de música, mestres de obras e desenhadores. O curso, que é de cinco anos, pode também ser frequentado

de noite; para isso, porém, o aluno tem que provar, no acto da matrícula, que de dia trabalha num ofício. É bem digno de consideração este esforço! Enquanto diurnamente, numa fábrica, em qualquer trabalho, enfim, mourejam as oito horas para ajuda da família, à noite, cansados, alguns fazendo longos trajectos, frequentam as escolas para se aprofundarem de conhecimentos e poderem melhorar a situação...

Os cursos femininos, muito frequentados, são de grande utilidade para as raparigas: costura, vestidos, bordados, «bilros» e rendas, a química, o desenho ornamental — preparo para a arte aplicada — são coisas tão úteis, neste século vertiginoso, como era, cem anos atrás, o velho piano matraqueado e o «crotchet» ao serão.

A rapariga precisa, hoje, duma educação ligeira sem arrebiques afrazeados, nem super-culturas de plateias baratas, que a deixe olhar



a vida sem a névoa de sonho por onde andou imersa, séculos após séculos. Se é bem verdade que necessita de trabalhar — e com tanto direito como o homem — há, no entanto, uma coisa que sem ela não teria significação: o lar.

É nele, verdadeiramente, que é rainha, senhora de toda a graça. Nesse ponto, também a escola lhe dá conhecimentos. Educa-lhe o gosto, ensina-lhe os pequenos encantos de sedução do homem — um centro de mesa, meia dúzia de aquarelas, uma toalha bordada — e, a par disso, que é de utilidade, uma grande certeza: não haver contas de modistas. A escola, por competentes mestras, ensina-lhe o talhe do

vestido, o próprio arranjo dos chapéus, tudo tão minuciosamente que as raparigas se tornam costureiras de primeira categoria, mesmo sem terem passado por essas academias que para aí se formam a torto e a direito. Quem um dia já visitou uma exposição dos trabalhos feitos nestas escolas, sabe bem quanta habiidade e gosto artístico existem nestes artífices, que amanhã serão dos melhores obreiros de Portugal! A compreensão das responsabilidades da hora que cada um vai viver — abrem, assim, ao país, um novo e grande horizonte de trabalho racionalmente aproveitável...

MANUEL MARTINHO.

Figuras da Vida
MUNDIAL



SANTANA

MARECHAL MANNERHEIM

Comandante em chefe do exército finlandês que combate
contra a Rússia

(Caricatura de SANTANA)

Um Conto Grande

por Manuel da Costa

JOÃOZINHO era filho dum sapateiro, tão lindo e elegante como se fôra filho de um Rei, e tão bom e compassivo como se fôra filho de um Santo.

Vivia com o pai numa casinha feita de tábuas com um teto de lata, onde fazia muito frio no inverno e muito calor no verão.

Mas Joãozinho não passava mal porque no verão dormia à porta, e no inverno, desde que a mãe morrera, era seu pai que o aquecia com o seu corpo.

Sucedeu que, durante um outono, o senhor do terreno onde estava a casita, decidiu tirá-la para construir um palácio para viverem as pessoas mais ricas do povo. E mandou tirar a casa ao sapateiro, e este e Joãozinho ficaram com os tarcos a dormir na rua.

— Deus meu — lamentava o sapateiro — o que vai ser de nós agora que chega o inverno!

— Pai — dizia o Joãozinho — o inverno terá piedade de nós.

O sapateiro calava-se para não quebrar o ânimo do pequeno, e apertava-o ao coração. Continuava trabalhando, mas a freguezia ia-lhe fugindo, e um dia estava tão doente que o levaram para o hospital.

Não pôde ir também Joãozinho, porque não adoecera, e era preciso esperar que lhe desse uma boa pneumonia para ter o direito de dormir em cama e debaixo de tecto.

O pobre petiz recolheu as linhas, as sovelas e o serol, e vendeu tudo a um trapeiro. Com o dinheiro comprou pão e queijo, decidido a procurar trabalho.

Todos os dias, muito cedo, corria

os casais perguntando em tôdas as portas:

— Precisam de um rapaz?

Porém, em tôda a parte havia rapazes de sobra e até teriam preferido que houvesse menos.

Com este ir e vir fêz-se amigo de todos os infelizes que procuravam também trabalho ou, cansados de procurá-lo, pediam esmola.

É claro, com nenhum tinha que comer, Joãozinho ia dando a cada um seu pedaço de pão e de queijo, com o que terminou com a dispensa em quatro dias.

Uma noite, encostou-se sem ceiar a um portal. As lágrimas molhavam a pobre jaleca, e quanto mais chorava mais pena tinha recordando todos os seus amigos que tinham ficado sem ceia e dormiam como êle.

— Não me importa por mim — pensava — nem por meu pai, que está abrigado na cama, senão pelo cão do cego, que não provou nada em todo o dia, e pela velha que pede esmola à porta da igreja, e pelo velho marido dela, que é tonto e tem a bôca sempre aberta, e hoje para ela só entrou a água da chuva...

Tanto chorou que adormeceu profundamente; e então sonhou. Oh! que sonho maravilhoso!

Pela rua adiante, iluminada duma bela luz azul, vinha um velhinho apoiado a um cajado. Quem era? Joãozinho não o conhecia.

Ao chegar junto dêle, o velhinho parou e disse:

— Venho trazer-te o talisman com o qual poderás fazer a felicidade de todos, menos a do teu pai e a tua. Os pobres deixarão de sê-lo ao tocar nele, os enfermos curar-se-ão, os desgraçados serão felizes, crescerá a herva e apagar-se-á o fogo ao seu contacto. Porém, para ti bastará a alegria de fazer o bem, porque nem sequer poderás dizer a

quem tenhas feito o beneficio que a ti deve. Pobre Joãozinho! O talisman só vale através dum inocente e bom como tu.

Joãozinho despertou. A rua continuava banhada de luz azul, mas o velhinho tinha desaparecido. Era um sonho? Mas, não. Na sua mão direita, no dedo anular, um lindo anel de ouro com um grande diamante brilhava como um sol. O inverno havia dado o talisman de que falara. O sonho era realidade.

Joãozinho nem sequer pensou em que nada ia ser para êle, e começou a bailar, enquanto tiritava, e não se sabia se bailava de frio se de alegria.

As raras pessoas que andavam na rua olhavam para êle espantadas:

— Endoideceste ou saíu-te a sorte grande?

E êle ria-se sem dar resposta, porque já se sabe que a posse dum talisman deve ser secreta, para que não perca a virtude.

Joãozinho voltou o diamante para a palma da mão, para que o não vissem, e mais alegre que um melro caminhava assobiando uma canção.

O primeiro caso que o fêz deter-se foi a noticia gritada pelos garotos dos jornais:

— Última hora! Última hora! O príncipe real está agonizante.

Joãozinho dirigiu-se logo, a correr, para os lados do Palácio Real, enquanto pensava como conseguiria entrar aí, pois não podia dizer ao que ia.

Pensando nisso encaminhou-se para o palácio, e colando-se com a parede procurou uma porta escusa. Mas a sentinela deteve-o.

— Para onde vais, pequeno?

E o soldado punha-lhe a baioneta ao peito.

— Vou ver minha mãe, que é a cozinheira mais gorda de tôdas.

— Viva a tua mãe! — disse o soldado — pois as há gordíssimas neste palácio. Pudara! Não comem elas o que há de melhor? Deixo-te entrar; porém, hás-de dizer à tua mãe que me mande por ti um belo frango côrado. Segue pela galeria, que ao fundo estão as cozinhas. Não atraveses o pátio porque do outro lado estão os aposentos reais. E não te esqueça o frango!

Joãozinho assim prometeu, e que seguiu o caminho das cozinhas. Mas fêz o contrário. Logo que perdeu de vista o soldado correu quanto pôde, subiu e desceu as escadas até chegar a um grande pátio, onde principiava uma escadaria de mármore com passadeira vermelha.

Subiu por ela e foi dar a uma galeria envidraçada, quente e com o chão atapetado que até parecia uma caixa de bombons.

— Que temperatura maravilhosa! Que felizes deviam ser os que ali viviam!

Tinha acabado de fazer esta reflexão quando ouviu:

— Para onde vais, ó garoto?

Era um albardeiro.

— Sou o criado do secretário do Rei e vou de mando de sua mulher para perguntar em que número da

lotaria sai a sorte grande.

— Ah! — disse o albardeiro — eu bem pensava que havia batota nisso, porque já três vezes avesua a sorte grande o camareiro-mor e quatro a açafata da rainha. Deixo que passes mas com a condição de me dizeses o número quando voltares.

Joãozinho prometeu. E o albardeiro indicou-lhe o caminho que devia tomar recomendando-lhe que não seguisse pelo corredor da esquerda onde ficavam os aposentos do príncipe, que estava muito doente.

A informação encantou o rapazito que logo tomou pelo corredor da esquerda, ficando admirado pelas belezas que o rodeavam.

Saiu-lhe ao encontro uma imponente matrona que o interrogou:

— Para onde vais, pequeno?

— Sou o moço de recados das monjas de S. Bernardo e venho trazer o unguento para o príncipe. Se se trata de reumatismo ficará imediatamente curado.

— Ó meu querido menino! — exclamou a matrona — Hás-de dar-me um pouco do remedio, porque estou cheia de dores. Espera um bocado que eu vou buscar uma caixinha.

Joãozinho aproveitou logo a ocasião para se abeirar da cama nos bicos dos pés. O príncipe dormia, mas despertou quando o tocaram e julgando ser a mãe, sorriu. Vendo, porém, que era um estranho, gritou: — Socorro!

Acudiram albardeiros, açafatas e criados.

— Que fazia aí o rapazito? Como pudera lá chegar?

Os que eram os seus cúmplices calavam-se comprometidos, e Joãozinho além de maltratado teria sido preso se as declarações de uma açafata, de um albardeiro e de um soldado não confirmassem que o pequeno era idiota e não podia fazer mal a uma mosca. Não lhes convinha deixar que êle falasse.

O Joãozinho saiu contente do palácio. O príncipe ficara curado, e isso lhe bastava. Antes da noite ouviu os vendedores dos jornais, que gritavam:

— A cura do príncipe graças à ciência dos médicos índios que chegaram ontem!...

Adormeceu, rindo-se satisfeito, Joãozinho, e ao amanhecer, recordando-se que nos montes próximos encontraria bolotas, para ali se dirigiu. Estavam lá a velhinha que pedia esmola, para ela e para o marido tonto, à porta da igreja. Tinham reunido um feixe de lenha, mas não podiam com êle. Joãozinho disse logo:

— Quanto me alegro em os encontrar. Levarei a lenha até à sua casa.

E assim chegaram à choça dos velhos, dos quais Joãozinho se despediu apertando-lhes a mão.

Os velhos esqueceram-se do encontro e, quando no dia seguinte encontraram uma arca cheia de moedas de ouro não poderiam pensar que essa sorte lhes viera pela intervenção do garoto.

Por isso, quando dias depois Joãozinho vagueava por êsses sitios e avistou um palácio no local da



cabana, logo se dirigiu ao guarda-portão:

—Sou o rapaz que trouxe o molhe de lenha o outro dia.

Porém, o guarda-portão voltou e disse que os amos não se recordavam de semelhante história.

—Por Deus—disse o pequeno—, pelo menos que saibam que vou contente por conhecer que não voltarão a passar fome e frio!

Joãozinho esmolava para comer. Uma vez, a uma esquina, viu uma pequenita a chorar porque se tinha perdido e sentia frio. Quando o rapaz lhe deu a mão para procurar os pais as roupias velhas transformaram-se em ricos abafos de lã.

Entretanto vinha a correr uma mulher desgredhada que se abraçou à pequenita dizendo:

—Minha filha! Filha da minha alma! Este ladrão que a havia roubado...

E começou a esbofetear o pequeno, enquanto acorria gente, que também o espancava.

Desatou então a correr e saiu da cidade.

Ao amanhecer chegou a um povoado e pediu de porta em porta.

Deram-lhe uns uma cõdea de pão, outros alguma fruta. Joãozinho não sabia como agradecer. Acariciava os pequenitos que tinham a tosse convulsa e que todos se curavam; aperitava a mão aos cegos que começavam a ver a pouco e pouco, como se lhes tivesse amanhecido.

Mas, como nada se dava de súbito, mas sim ao cabo de algum tempo, ninguém pensava que a cura se devia ao Joãozinho e alguns que haviam recuperado a vista resmungavam ao repararem no anel:

—Pedir esmola com um anel de ouro na mão! Vende-o e não apoquentes os outros com lamúrias!

Afartou-se Joãozinho rindo-se da ignorância e caminhando passou junto de uma seara de trigo tão raquítica que fazia dó olhar para ela.

Abandonou a estrada e saltando de sulco em sulco foi acariciando as magras espigas. E toda a seara parecia outra, bela e promettedora.

A cabeça de Joãozinho mal sobressaía das espigas robustas, mas o proprietário avistou-o e açulou os cães:

—Leal! Sultão! A êsse! a êsse! Vagabundo! Canalha! Está estragando o meu melhor campo de trigo.

Joãozinho correu por uma ladeira abaixo e foi cair num barranco.

Mordido, cansado, com o fato esfarrapado estendeu-se no chão e logo êste começou a cobrir-se de malmequeres como um tapete precioso.

Foi para o pobre rapaz um consólo e uma alegria.

Levantou-se contente já, para continuar o seu caminho.

Por onde passava a mão brotavam fontes, de há muito sêcas; enchiam-se de rebentos as roseiras bravas mortas; surgia erva nos areais; robusteciam-se os pequenitos raquíticos; punham-se a trabalhar os relógios parados; as cegonhas regressavam aos ninhos abandonados... Somente para êle nada de bom surgia.

Atravessou muitos países, visitou muitas cidades e sempre pobre, sôinho e faminto, um dia caiu prostrado, quasi moribundo, junto duma fonte. Enevoaram-se-lhe os olhos, deixou de ver as névens que corriam no Céu, os ramos das árvores que embora despidos de folhagem o vento açoutava e julgou que se encontrava no Paraíso porque duas estrélas azuis pousavam sobre o seu rosto.

Eram os olhos de Isabel, a mais

linda rapariga da aldeia, que o encontrara quando vinha encher a bilha. As suas mãos apartavam da testa de Joãozinho os cabelos cheios de poeira enquanto carinhosamente o interrogava:

—Quem és tu? Nunca te vi por êstes sitios. Vens de longe? Anda para a minha casa. Somos muito pobres mas sempre temos um bom lume, uma cõdea de bróa e manteiga.

Joãozinho apertou-lhe a mão com força, desejando-lhe todo o bem, e a rapariga não deu conta que as pedras dos seus brincos se haviam transformado em béliçsimas pérolas.

De braço dado, vagorosamente, dirigiram-se à casa dos pais de Isabel, onde Joãozinho foi acolhido e passou a noite. Antes de se deitar apertou as mãos dos seus benfeitores e adormeceu feliz.

No dia seguinte despertaram-no vozes alegres e logo soube que uma fortuna inesperada havia transformado os pais de Isabel nos mais ricos lavradores do lugarejo. Já não faziam caso do rapazinho e até manifestavam desejo de que se fôsse embora.

Chorando, despediu-se da rapariga. Não queria nada para si nem para os outros. O bem dêstes transformava-se sempre em mal para êle. E retirando o anel enfiou-o no dedo de Isabel.

—Conserva-o como recordação minha!

Porém, ela também tinha uma dôr imensa com essa separação e começou a chorar numa tal explosão de soluços que os pais acorreram, assustados:

—Porque choras, tonta? Êste rapaz vai por onde veio e não vale as tuas lágrimas. Casará com o filho do Doutor, que é rico.

Vamos, despeçam-se depressa que temos que tratar duma festa para toda a aldeia.

Isabel apertou a mãozita de Joãozinho até enterrar o anel nela.

—Adeus! disseram ambos chorando.

Mas quando Joãozinho queria sair pela porta não pôde. Um rebanho de mais de mil cabeças obstruía a passagem e o vaqueiro, com a gôrra na mão, perguntava onde o devia recolher,

—E sabêmo-lo nós, bom homem? disse assombrado o pai de Isabel.

—Pois o meu amo Joãozinho dará as suas ordens. E também há-de dizer-nos para onde devemos levar as duas mil ovelhas e os carros de trigo e as arcas cheias de ouro.

Os pais de Isabel estavam de bõca aberta e não podiam tirar os olhos de Joãozinho, que era vinte vezes mais rico do que êles. Como deixar partir de sua casa um personagem tão poderoso?

E Joãozinho ria-se muito, pensando que só êle sabia que Isabel o enriquecera com o apêrto de mão da despedida e, ainda que se alegrasse com o fim da sua miséria, mais se rejubilava por não se separar da rapariga.

Ao outro dia, sentado junto do lume, contou como havia deixado o pai doente no hospital e quanto desejava trazê-lo para junto de si.

E os pais de Isabel, antes tão ariscos e agora muito amáveis, prepararam mantas e alugaram um carro para ir buscar o sapateiro.

Encontraram-no muito fraco, sentado na cama, e tão doente que custou-lhe a reconhecer o filho.

Pela tarde já estava melhor e levantaram-no.

Pai e filho não se cansavam de olhar um para o outro; os lavrado-

(Continua na pág. 22)



... aqui AMÉRICA

★ ★ ★ ★ ★

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WCEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WCEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



BBC

A VOZ DE LONDRES
fala e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

10.45	Noticiário	24,92 m. (12,04 mc/s)
		15,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
12.15	Noticiário e Actualidades	24,92 m. (12,04 mc/s)
		19,76 m. (15,18 mc/s)
		13,86 m. (21,64 mc/s)
21.00	Noticiário e Actualidades	42,11 m. (7,13 mc/s)
		41,75 m. (7,19 mc/s)
		31,75 m. (9,45 mc/s)
		30,96 m. (9,69 mc/s)
		261,10 m. (1,149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

panorama internacional

A promessa de Casablanca e a mobilização Alemã

por Francisco Velloso

A grande conferência dos chefes da coalisão política, militar e económica anglo-americana, as declarações, igualmente sensacionais, do chefe do Terceiro Reich, Adolfo Hitler, e do marechal Goering, não só comandante supremo da «Luftwaffe» mas, após a prisão de Rodolfo Hess na Grã-Bretanha, directo sucessor do chanceler alemão, — dominam de muito alto todos os acontecimentos

da oitava, e, mais ainda, vão constituir nós de referências pelo menos dos principais sucessos da actual e decisiva fase do final da guerra.

UM ACTO TRANSCENDENTE

Na última quinta-feira, 28, do do findo mês de Janeiro, as gazetas mobilizavam os mais destacados caracteres das suas oficinas de composição tipográfica, para prenderem os olhos dos leitores a um comprido relato da Reuter, datado de Casablanca, pormenorizando o que se passara na conferência ali reali-

zada entre o Primeiro Ministro inglês, Winston Churchill, e o chefe do Estado e do Governo dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, que desde a véspera fôra objecto de revelações tanto mais surpreendentes quanto, havendo já sido indicado há dias (e de novo pelos fios da agência alemã), que Churchill se encontrava ausente do seu país, tóda a gente supusera que novo encontro — o quarto da série — se realizava entre os dois estadistas na capital norte-americana.

Os jornais ingleses de 27 encimavam as primeiras páginas com títulos redundantes como este do «Daily Express»: — *As notícias que o mundo esperava: os chefes de guerra aliados estabeleceram os planos para a ofensiva da vitória em 1943 — Churchill e Franklin Delano Roosevelt conferenciaram — Ao cixo é exigida a rendição sem condições.*

Lido o relato acima referido, de reconhecer era que, substancialmente, tudo na conferência envolvera realmente em tórno destas conclusões primaciais.

Churchill chegou a Casablanca no dia 13 de Janeiro, e Roosevelt no dia 15. Os famosos conciliábulos demoraram cêrca de dez dias.

Um tanto como das outras vezes, em anteriores conferências, mas com extraordinário relêvo, o comunicado oficial desta, estampado a 27, assinalava com especialíssimo sublinhado três circunstâncias realmente impressionantes: que, apesar de se tratar na verdade de uma conferência de carácter internacional, a ela não haviam podido assistir nem Estaline nem Chan-Kai-Chek; que, ao mesmo tempo das conversas dos dois homens de Estado, tinham lugar conferências entre os mais altos chefes militares americanos e ingleses de tódas as armas; que os generais De Gaulle e Giraud haviam conversado e tomado entre si contactos na base de procurarem um acôrdo para estabelecerem a unidade de acção dos franceses.

A primeira destas circunstâncias cunhava a feição da conferência.

Com effeito, há dias vinha a ser chocalhado com relativa insistência que não era possível admitir-se que a Rússia e a China não fizessem parte do denominado conselho estratégico das Nações Unidas, que afinal era, de facto, sómente constituído pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. Wilkie já de há muito, ao regressar da sua viagem de sondagens (em que, como dissemos, operou dentro do ângulo da política de guerra do Presidente Roosevelt), instara nessa necessidade. A conferência não demonstrou que essa re-

forma foi estatuida. É conhecido que os ciosos têm sido sempre os chefes de uma autonomia nas suas decisões de guerra. Os seus pactos e alianças políticos e económicos com Londres e Washington criaram, é certo, importantíssimo compromisso quanto à firmeza da coalisão aliada, é inegável que num plano geral a acção militar russa já cõrrespondeu, em 1942, a um objectivo coordenado com o da acção militar anglo-americana (a ofensiva de Montgomery e a expedição de Eisenhower com a poderosíssima contra-ofensiva moscovita em tóda a frente, as três modificando todo o quadro alemão da guerra), mas nunca quebraram ou modificaram aquela autonomia. Em Casablanca, não foram presentes nem os comandantes nem os diplomatas russos. Isto não representou reservas, com certeza. O comunicado oficial da conferência assinalou que a Estaline fôra cordialmente solicitada a sua colaboração pessoal, para o que Churchill e Roosevelt se prontificavam a fixar a sede da conferência mais para leste, mas o chefe russo alegara a impossibilidade de se afastar neste momento do seu país, por causa do supremo comando, que lhe cabe, da presente contra-ofensiva, tendo no entanto sido informado sucessivamente de tódas as decisões militares que, efectivamente, lhe foram depois confirmadas num documento diplomático, entregue pessoalmente pelos embaixadores inglês e americano em Moscovo, documento cujo texto se desconhece mas que, segundo se noticiou, êle leu alto, diante de dois membros do seu conselho, e daqueles diplomatas, no mesmo dia em que recebia a noticia (constante do comunicado alemão dessa data) de haver cessado práticamente a resistência do grupo de forças de von Paulus, isolado em Estalingrado.

Com Chan-Kai-Chek procedera-se de igual maneira. Tanto a um como a outro se garantira a intensificação dos auxilios materiais da indústria de guerra anglo-americana, a cujo valor não têm sido regateados reconhecimentos por qualquer dos chefes dos dois grandes impérios.

AS FINALIDADES

A êste respeito, importa acentuar ainda — valendo-nos, não de «racontars» mas dos próprios textos oficiais — que a conferência foi tóda ella orientada para uma finalidade militar; até as suas conclusões políticas lhe obedeceram. Ressalta isto das afirmações, por vezes não desprovidas de amenidades, que Chur-



Oficial da vigia a bordo de uma unidade da marinha de guerra da Reich, em acção no Mediterrâneo.

chill, secundado por Franklin Roosevelt, fizeram à Imprensa no jardim da residência, ao sul de Casablanca, onde a conferência se efectuou.

Mas essa finalidade não se previu somente nos estudos em que, previamente preparados, os estados-maiores dos dois países elaboraram, segundo se disse, o plano da ofensiva ocidental para 1943, mas verteu logicamente das mesmas expressões com que foi marcada naquela transmissão à Imprensa:

«Ambos os estadistas declararam que só podia haver paz no mundo com a eliminação dos exércitos alemão, japonês e italiano, que significa, como disse Roosevelt, «a rendição sem condições da Alemanha, Japão e Itália», o que significaria uma segurança razoável para a paz do mundo. Ambos explicaram que isto não queria significar a destruição das populações inimigas, mas sim a destruição das suas filosofias de ódio, medo e subjugação dos outros povos. Manifestaram a opinião de que as decisões a que chegaram significariam que 1943 seria um ano ainda melhor do que 1942 para as Nações Unidas. Roosevelt revelou que se iniciaram os preparativos para esta reunião no princípio de Dezembro. Tinham de discutir a guerra em globo e não numa frente ou num continente, mas em todo o mundo.

«As decisões tomadas incluem o auxílio militar, económico e material para a Rússia e China. As discussões dos Estados-Maiores prosseguiram num princípio de conjugar todos os recursos das Nações Unidas para manter a iniciativa militar contra o Eixo, em todos os pontos do mundo.

Esta reunião foi combinada por ter esta reunião sido combinada por ter outra revisão da situação da guerra e das medidas a tomar em 1943».

São estas declarações, em que não se perde uma só palavra, as que a história conferirá nos acontecimentos supervenientes, relembrando como no princípio deste ano o general russo que comandou o ataque a Estalinegrado, dissera, com a sabida autorização de Moscovo, ser inadivável a segunda frente, estabelecida pelas nações ocidentais, visto que a Rússia continuava a suportar todo o peso da guerra e, a despeito das vitórias aliadas em África, o alto-comando alemão pudera retirar, sem incómodo, forças da França, Bélgica, Holanda e Noruega, e lançá-las na Rússia. Talvez por isto mesmo, no comunicado oficial da conferência de Casablanca, se lê que «a Rússia será desonerada tanto quanto possível do peso das operações que tem suportado». Outro compromisso, muito semelhante aos que em 1941 e 1942 foram tomados, até em plena acuidade de sérias crises nas inter-relações das quatro grandes Nações Unidas, o qual será doravante verificado com maior atenção na Rússia, na China, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

O DISSÍDIO FRANCÊS

A terceira das circunstâncias atrás indicadas refere-se à malaventurada questão política que vem correndo, desde 10 de Novembro do ano passado, as rectaguardas aliadas na África do Norte, retardando a organização da acção militar e favorecendo o Eixo, nos exércitos de defesa chefiados pelo marechal Rommell e pelos generais von Nehring e von Arnim, sucessivos comandantes na Tunísia. Referimo-nos ao acôrdo De Gaulle-Giraud que se apertaram simbolicamente as mãos no histórico jardim da residência ao sul de Casablanca, depois de

conversarem sobre «assuntos militares, diplomáticos, económicos e monetários», segundo reza o texto competente que assim inclui, como se vê, os assuntos políticos.

Em complemento desta concretização do terreno em que os trabalhos para o acôrdo virão a ser procurados, noticiou-se a constituição de uma missão gaulista, permanente, de ligação acreditada junto do general Giraud, em Argel. Outra missão do general Giraud será adida, reciprocamente, ao quartel general de De Gaulle, em Londres. Estas missões limitam as suas actividades a problemas de ordem militar, económica e técnica, não tendo funções políticas, mas podem travar-se, por seu intermédio, comunicações relativas a problemas políticos.

As perspectivas políticas de um acôrdo continuam a ser muito obscuras. O general Giraud, antes de se avistar com De Gaulle, ouviu o general Nogués o grande homem da África do Norte, que não foi alheio à troca de opiniões, embora esta se revestisse de sentimentos cordiais e de amizade. De Londres, porém, no próprio dia 27, marcavam-se as distâncias, e no dia 30 informava-se que Nogués participara em Casablanca. De Gaulle já nessa data regressara a Londres. É conveniente releer os textos dos telegramas. Naquele dia 27 esclarecia-se:

«O problema político foi naturalmente também abordado entre eles, mas não foi possível de momento aplanar as divergências resultantes das posições respectivamente tomadas. De Gaulle encara a situação da África do Norte sob uma perspectiva de maior latitude do que a de Argel, e insiste no estabelecimento de um

poder central, num regime estritamente republicano, com a eliminação de elementos pró-Vichy. Giraud, encarando as realidades locais, não vê, segundo se presume, a necessidade de introduzir presentemente reformas de natureza tão revolucionária».

A «eliminação de elementos pró-Vichy» — terrível expressão verbal que invencivelmente recorda a eliminação criminosa do almirante Darlan — não é realmente possível em África se a encarmos como traduzindo um respeito que ainda vive pelo marechal Pétain, conquanto nada se relacione com concordâncias na acção de Laval.

Mas é importante, por isto mesmo, anotar em que situação ficam respectivamente De Gaulle e Giraud, ou seja os dois grupos franceses de Londres e do Norte de África. Um-ou um só objectivo: vencer a Alemanha, Comprometem-se a empregar conjuntos todos os esforços sinérgicos para isso. Como desde início se verificava, e o próprio Darlan tantas vezes dizia em perfeita união com Washington, o campo de operações é agora em África. O «Times» definiu assim, por sua vez, e quasi oficialmente, a posição conferida pelas Nações Unidas aos dois agrupamentos franceses: «A posição de Giraud no Norte de África é reconhecida, como o é também a de De Gaulle noutros pontos», que são naturalmente os das colónias ocupadas e geridas por ele.

Mas o mais importante ainda consta das declarações de Giraud, no dia 29, à Imprensa, em Argel. O general reconhece como forças combatentes: os voluntários de De Gaulle no estrangeiro; em

França toda a gente capaz de pegar em armas e dar a vida, citando a este respeito as prisões de 40 mil marselheses, e outras; as forças de terra e mar do exército de África sob as suas ordens. Os que colaboraram com o Eixo passarão pelos tribunais de guerra.

Quanto às relações com os Aliados, o general declarou que «a Grã-Bretanha e os Estados Unidos reconhecem na França uma nação aliada, combatendo pela mesma causa e as mesmas idéias, à qual serão restituídas as fronteiras de 1939 e todo o seu império colonial». Isto ainda não fora assim expresso, em resultado de compromissos firmes.

Mas anarece agora na hora de Giraud, com respeito ao Norte de África, uma palavra que já Darlan pronunciara, apoiado por Giraud, Nogués, Bergeret, Esteva, Michellier, Béthouart e Chatel: a palavra *Governo*. Ouçamo-lo:

«O Governo não pretende estabelecer um regime político de qualquer natureza que seja, mas quer administrar o melhor possível, consoante a sua capacidade para tal, os territórios que ainda se encontram livres. O Governo é unicamente o *guardião provisório da soberania francesa*, até que 400 milhões de franceses possam de novo exprimir-se livremente».

Por consequência, a França decidirá depois de ganha a sua guerra. Governo em Vichy. Governo na África do Norte para todos os territórios livres de alemães, que no entanto não são apenas no continente africano. Qual a intervenção de De Gaulle neste Governo? De colaboração exterior? De participação activa, mediante representante seu em Argel? Eis o que vamos ver. O que entretanto se nota à vista desarmada é que, substancialmente, a directriz posta e imprimida à política francesa, de inteiro acôrdo com Roosevelt, na África do Norte, desde 9 de Novembro até 25 de Dezembro, não sofreu inflexões. Tomou apenas um novo representante: o general Giraud. O outro era o homem que, na frase do general Catroux, era preciso que desaparecesse. Era o almirante Darlan, sem o qual a situação dos Aliados em África não seria a que é hoje. E esse realmente desapareceu. Mataram-no na véspera de Natal.

A RÉPLICA ALEMÃ

A par destes acontecimentos, reboaram outros. Havemos, dentro de pouco tempo, reverter a eles. Valem tanto ou ainda mais do que a interrogação da promessa feita em Casablanca, e que Roosevelt nos dias 28 e 29 foi completar de regresso a Washington, na sua conferência com Getúlio Vargas em qualquer parte do norte do Brasil — facto transcendente para o futuro imediato e longínquo, político e militar da admirável e querida nação nossa irmã, da qual, mais do que nunca, não devemos alhear-nos!

Reportamo-nos aos dois discursos de Hitler (este sob a forma de uma mensagem lida por Goebbels) e de Goering.

De nada vale falar-se a propósito de qualquer deles, de uma crise alemã. A Grã-Bretanha também atravessa uma crise. Sob este aspecto, os discursos não provam, mais ou menos, do que uma realidade da guerra para todos os países que entram nela e dela têm de sair.

Celebrou-se no dia 30 de Janeiro o 10.º aniversário da ascensão de Hitler ao poder. Ninguém ainda fez mais do que ele em dez anos, na história da Ale-



ESCUTAI ROMA

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
14,10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
17,00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 17	15.31	19590
21,50	Noticiário	2 RO 66	19.61	15300
		2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
			221.10	ondas
			263.20	médias
24,00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Àfinal, o pitoresco...

pele Dr. José Ribeiro dos Santos

Meu caro — Vim agora a pé para casa a acabar sôzinho, pela rua fora, a conversa que nós os dois deixámos em meio. Você, que me conhece, sabe quanto eu desgosto de discutir. Mas eu sei mais que isso: sei que um grande trunfo com que pode jogar quem se embrenha em teimas de controvérsia é o de ter a coragem precisa para, na altura própria, dar a mão à palmatória e decidir: «Sim, senhor, você tem razão». É uma saída airosa, pois deixa-nos ir de cara alegre para a outra contenda que vem, ainda por cima com a certeza de que o contendor, esmagado ao péso da superioridade de tão inesperado cavalheirismo, é capaz de ficar a pensar de quem é que tinha razão — se ele, se o outro... Mas aqui não é o caso. Não há que dar a mão à palmatória: eu teimo na minha. Acho que isso do pitoresco é a «peninha para disfarçar», a etiqueta que o nosso egoísmo de turistas domingueiros pelas imediações do nosso tranqüilo e aconchegado pousio inventa para explicar o inquieto desconhecho alheio. Dá-se uma saltada a Alfama e que vemos? As casas umas' em cima das outras, ruas de funil, janelas estreitas, quartos escuros, nesgas de vida a deixar-se triturar resignadamente pelo infortúnio. Aquilo é mau, deprimente para a saúde de corpo e de espírito, insalubre, triste; as crianças não têm sol que as desinfecte nem os velhos sol que os acalente; as paredes suam humidade e negrume — mas' é pitoresco. Ou vai um de nós, mais adiante, aí a dois passos de arredores. A paisagem é fresca, os campos coloridos de verde magnífico; na Primavera, gritam as suas alucinações os vermelhos das papoilas a romper por aqui e ali, alegremente, sem licença

de ninguém; o casinhoto de quatro paredes, a erguer-se no meio de um bravo amontoado de pedras, pode ainda fazer vibrar o seu estrepito de brancura, mas, por dentro, quando a invernia é mais áspera, as águas não fazem cerimónias para entrar e o vento, esgueirando-se por todas as frinchas, assobia as suas travessuras, chicoteando qualquer ilusão de conforto: mas ainda aí é o pitoresco que nós vemos, se por lá adregamos de passar num domingo de tempo convidativo, que nos deixou sair de casa, do nosso relativo cómodo de cidadãos, para nos darmos ao luxo de tomar um pouco de ar diferente...

O pitoresco é isso, meu caro. E você vê como seria fácil, com estes dados, que são indesmentíveis, construir meia dúzia de frases daquelas que muitas pessoas julgam definitivamente destinadas a convencer... aqueles que se deixam convencer mais depressa pela emoção bombástica do que por um pouco de exercício racional. Por mim, prefiro limitar-me aos postulados, quando me parece que a conclusão é tão fácil como evidente. Ao diabo as emoções e fiquemo-nos pela tentativa de raciocínio. Porque o mais — aqui é que se pode dizer — é paisagem... Como você dizia, afinal, dando-me razão mesmo sem querer: para bonitas fotografias. E aí está, já agora, o remate: a fotografia é a planificação óptica de qualquer coisa real — fisicamente o retrato da verdade. Veja você, no fim de tudo, como a verdade e a mentira andam sempre próximas uma da outra! Vá lá uma pessoa querer distingui-las à vista desarmada...

JOSE RIBEIRO DOS SANTOS

manha. A data prestava-se, pois, a afirmações capitais. Dias antes, o alto comando anunciava a substituição de uma nova linha de defesa, na qual o exército alemão de Joste virá a formar, primeira consequência estratégica da actual campanha, do seu grande adversário, que toda a imprensa de além-Reno lealmente reconhece.

Foi a explicar isto mesmo que Goering se dedicou, verificando que o exército russo na primeira guerra contra a Finlândia foi uma mistificação, para encobrir a sua verdadeira força surpreendente. De resto, o marechal vinha sendo precedido, desde o dia 20, por advertências sucessivas feitas à população, primeiro sobre a situação de Estalinegrado, depois sobre as consequências estratégicas dos acontecimentos. Os jornais alemães, ao contrário do que se pense, não iludiram uma vírgula na mais perfeita e leal descrição da situação. No dia 25, dizia, por exemplo, o «Deutsche Allge Meine Zeitung», que «tudo está em jôgo dentro do Reich, incluindo a existência de cada alemão. O aniquilamento ameaça-nos do oriente. São precisos ainda maiores sacrifícios». O «Berliner Boersen Zeitung» também escrevia: «A Alemanha enfrenta uma tarefa das mais difíceis. Os alemães não devem desanimar e devem lembrar-se que o povo britânico, através de muitas catástrofes, não mostrou sinais de desânimo. Todos os alemães devem reflectir sobre as terríveis consequências de uma derrota. A Alemanha enfrenta o problema de viver ou morrer!». O general Dietmar, porta-voz e comentador militar autorizadíssimo da Rádio Alemã, não escondia, igualmente, como sempre, a realidade da situação estratégica, e dizia: «Mas há alguém que possa crer que um exército como o nosso possa cair em virtude de um revés, depois de três anos de vitórias?» Dietmar acrescentou que, em Estalinegrado e na curva do Don, a situação «está longe de ser catastrófica ou até um ponto de viragem». Aludindo aos alemães na região de Estalinegrado, Dietmar disse: «Sem esperança de retirada, eles não podem senão resistir ou morrer. Mas seja qual for a sua sorte, as suas semanas de resistência heróica afastaram calamidades mais pesadas para os nossos exércitos».

As pessoas que leram a imprensa britânica nos negros dias de Tobruk, não podem impressionar-se com estas e outras expressões. Quem haja lido as correspondências de guerra publicadas nos jornais alemães, e conheça essas admiráveis descrições das terríveis batalhas de leste, desde 1941 (é vê-las, por exemplo, no «Schwarzes Korps» ou no «Das Reich», ou na imprensa espanhola), pode acaso espantar-se de que «carros de assalto russos rolam sobre redutos em cimento armado, saindo os alemães das trincheiras para tentarem deter o avanço da infantaria russa que segue os carros». Havia descrições iguais

em 41 e 42, durante as ofensivas alemãs. A situação geral é que mudou.

O discurso do marechal Goering é a explicação clara duma situação nova que exige sacrifícios.

A GUERRA TOTAL

A mensagem de Hitler, sobre estas premissas, tira as conclusões fundamentais para a política que as circunstâncias reclamam. Diante da contra-ofensiva russa, na sua maior abertura, diante das ameaças dos Aliados, Hitler responde, também, como sempre, e seguindo os seus métodos inalteráveis, por um apêlo heróico à nação. Este apêlo segue de perto o decreto da mobilização total, para a guerra total, emitido por Sauckel. Não se trata do preenchimento das baixas normalmente calculadas, em regra militar, para um exército de 9 a 10 milhões de homens, chamadas de 10 por cento que foram feitas e obtidas em 1941 e 1942. Trata-se, efectivamente, de que «novos exércitos precisam de novos soldados», de que, como dizia o locutor alemão, «perante a ameaça russa, homens e mulheres nas idades fixadas deverão apresentar-se». E, repetimos, a guerra total. A Alemanha vai fazer o que faz a Inglaterra, a Rússia e, parcialmente, os Estados Unidos.

Vamos assistir a um dos mais vastos enquadramentos militares que ainda foram empreendidos, em parte levantamento em massa, em parte regime de mobilização de trabalho. No conjunto, um povo de 60 milhões, utilizado na sua parte válida, não levando em conta a mão de obra especializada estrangeira. Que isto exija sacrifícios enormes, quem o duvida? Um só homem na Alemanha é capaz de entusiasmar almas para os aceitar: Adolfo Hitler. Eis o fim da sua mensagem.

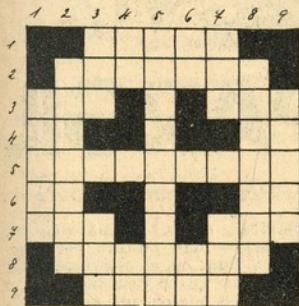
Não hesitamos um minuto em declarar que Hitler foi escutado e será correspondido. É um erro supor que a Alemanha está, como costuma dizer-se, completamente exaurida. Mobilizando-se a si própria e aos seus Aliados, pode criar o exército e a resistência interna para a primavera. Eis o necessário, usando, se preciso for, de meios draconianos de salvação pública.

Nos círculos diplomáticos mais informados corre que Hitler lançaria contra a conferência de Casablanca uma das chamadas «ofensivas de paz». A declaração de que os Aliados pretendem a «rendição incondicional» e de que «as populações inimigas não serão destruídas» em consequência da vitória das Nações Unidas, Hitler opôs, perante o espírito alemão, a afirmação de que 1943 vai ser um ano de exterminios, e de que da guerra já não sairão vencedores nem vencidos, mas esmagamentos. Linguagem diferente, se quiserem. Mas a contra-manobra ofensiva do primeiro efeito psicológico da conferência de Casablanca.

31-1-943.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 54



HORIZONTAIS: 1 — Espertalhão. 2 — Engane. 3 — Vale; Oração que os moiros fazem a Deus, antes de se deitarem na casa. 4 — Clima; Gigante venerado pelos assírios. 5 — União. 6 — Pronome pessoal (invert.); Caminhar. 7 —

Conjunção adversativa; Escritor português. 8 — Rifo. 9 — Costumara.

VERTICAIS: 1 — Diz-se do gado, que compreende vacas, bois e novilhos. 2 — Habitantes de uma parte da Índia. 3 — Dor; Únicos. 4 — Viração; Letra grega. 5 — Duramente. 6 — Abrev. (antes do meio dia); Nota musical (invert.). 7 — Canoa, de uma só peça de madeira, sem quilha e sem bojo; Interj. (para estimular-). 8 — Esquisito. 9 — Presentemente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 53

HORIZONTAIS: 1 — Tã. 2 — Ir. 3 — Prol. 4 — Noémia. 5 — Fé; Mã. Dê. 6 — Exul; Adem. 7 — Manela. 8 — Al; Ui; As. 9 — Necessário. 10 — Área; Real.

VERTICAIS: 1 — Tirem; Nus. 3 — Pó; Lá; Ea. 4 — Um; Cê. 5 — Fé; Ana. 11 — Ex; Ler. 12 — Aroma; Eis. 13 — Li; Al; Ar. 14 — Dá; Rê. 15 — Dê; Aia. 16 — Em; Sol.

Vida MUNDIAL

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XVIII - o enigma nipônico

2

O PACTO ENTRE A RÚSSIA E O JAPÃO

EM Março de 1941, o ministro dos Estrangeiros do Japão, Matsuoka, deixou o seu país para iniciar a importante viagem diplomática que havia de ter em Moscovo o seu episódio culminante, com a assinatura do pacto de amizade e não-agressão entre aquele país e os soviets. Matsuoka, que fez a sua primeira viagem pela Sibéria e pela Rússia, não se deteve então em Moscovo e visitou, em primeiro lugar, o Reich e a Itália, onde se avistou com o soberano, com o Duce, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, conde Ciano, e com o Sumo Pontífice, que o recebeu em audiência especial. A recepção oficial que lhe foi dispensada na capital italiana foi caracterizada pelo esplendor e pela cordialidade exterior de que se revestiu. No momento da sua partida de Roma, Matsuoka exprimiu aos dirigentes italianos o seu reconhecimento pessoal e afirmou, publicamente, a convicção de que as potências do Eixo acabariam

por triunfar na luta em que se encontravam envolvidas.

Desde logo se afirmou que, durante a visita que fizera à Santa Sé, o ministro japonês exprimira o descontentamento do seu governo por verificar que o chefe da Igreja Católica não atribua a importância devida à luta que o seu país mantinha contra o comunismo, desde que tomara a iniciativa de assinar e executar o pacto anti-comunista. Ao mesmo tempo, Matsuoka ter-se-ia queixado das simpatias que a Santa Sé manifestava pela causa da China nacionalista e pela resistência do marechal Chang-Kai-Chek e dos seus partidários. Entretanto, Matsuoka acentuou que o seu país não se eximiria, quaisquer que fossem as condições que viessem a criar-se na Europa e no Mundo, a satisfazer os compromissos que derivavam da assinatura do pacto tripartido, realizada alguns meses antes.

Matsuoka, depois de deixar Roma, dirigiu-se a Berlim, onde também lhe estava reservado um acolhimento triunfal. No dia 5 de Abril, deixou a capital do Reich, seguindo para Moscovo. Tudo indica que o problema da assinatura do pacto com os soviets tivesse sido tratado previamente entre Matsuoka, por um lado, e o Fuhrer e Ribbentrop, por outro, tendo os dirigentes alemães dado o seu assentimento para a assina-

natura, por parte do Japão, desse instrumento diplomático. Ao deixar a Alemanha, o ministro japonês enviou a Hitler e a Ribbentrop telegramas de efusivo agradecimento pela recepção que lhe havia sido preparada, a qual decorreu com um brilhantismo e uma imponência verdadeiramente excepcionais.

Ao chegar a Moscovo, Matsuoka teve várias conferências com o comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, Molotov, as quais serviram como tarefa preliminar para a conclusão do pacto projectado. Este foi efectivamente assinado no dia 13 de Abril. As emissoras soviéticas tomaram a iniciativa de radiodifundir o respectivo texto, antes mesmo que esse fosse publicado oficialmente nas duas capitais interessadas.

O SIGNIFICADO DO PACTO

O texto do pacto compunha-se de quatro artigos. O primeiro desses artigos estabelecia que os dois países manteriam, de futuro, relações de amizade e confiança, baseadas no respeito mútuo pela sua integridade territorial. O segundo artigo estabelecia que, se qualquer dos signatários viesse a ser objecto de qualquer ataque por parte de terceira ou terceiras potências, a outra potência signatária observaria uma estrita neutralidade enquanto durasse o conflito. O artigo 3.º estabelecia que a duração do pacto seria de cinco anos. Desde que nenhuma das partes contratantes propusesse previamente a sua revogação, considerava-se prorrogado por períodos idênticos. O quarto e último artigo estabelecia que a ratificação do pacto se realizaria em Tóquio, o mais rapidamente possível. Ao mesmo tempo, os dois governos fizeram uma declaração suplementar conjunta, nos termos da qual o governo japonês se comprometia a respeitar a integridade territorial da República da Mongólia, assumindo o governo russo compromisso idêntico, em relação ao Manchuco.

Os termos em que o pacto se encontrava redigido eram intencionalmente cautelosos. Qual era o fundo de intenções que o seu texto revelava? O Japão, na iminência de se ver envolvido num conflito com os Estados Unidos, precisava de acautelar-se contra a possibilidade de o território soviético poder ser utilizado como base de ataque aéreo contra o seu próprio território. Por seu lado, a U. R. S. S., que já encarava a possibili-

dade de um conflito com o Reich, precisava de ter inteira liberdade de movimentos, a leste, para poder concentrar a ocidente todos os seus recursos e todas as suas forças disponíveis. Se os dirigentes alemães deram o seu acôrdo prévio à negaciação que Matsuoka ia concluir, é evidente que o não fizeram de bom grado. Um mês depois, a campanha dos Balcãs atingiria o seu ponto culminante e com ela a rivalidade germano-russa entraria num período crítico que se liquidaria com a penetração das tropas alemãs em território soviético, no dia 22 de junho de 1941.

No Japão, o acôrdo foi celebrado como uma vitória diplomática incontestável e o prestígio de Matsuoka viu-se acrescido, de maneira considerável. No fundo, os dirigentes japoneses tinham adquirido a convicção de que se tratava de uma arma de seguros efeitos

MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS

nas bôcas sem

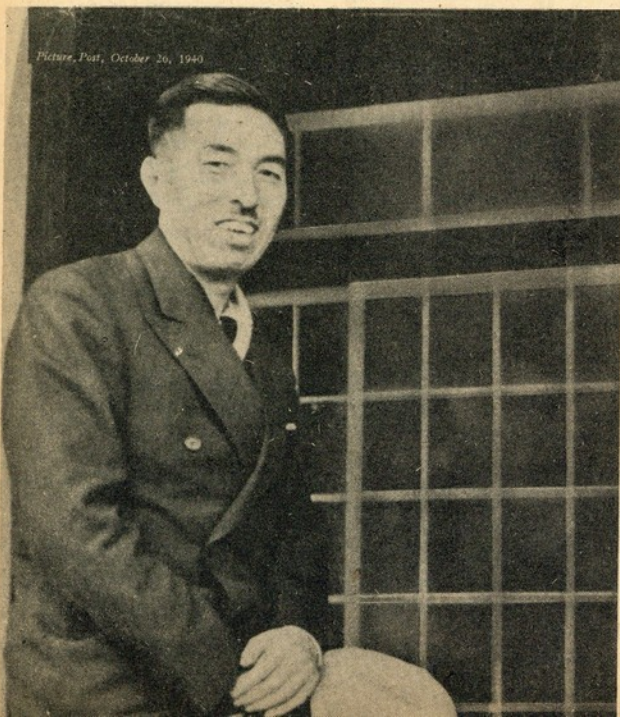


PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**
NAS FARMACIAS E DROGARIAS



Príncipe Kanoye, antigo chefe do governo do Japão

preventivos, capaz de evitar a entrada dos Estados Unidos na guerra e de levar o governo de Washington a uma composição que satisfizesse, pelo menos, uma parte considerável das suas reivindicações. Por isso a imprensa nipônica pôde apresentar o pacto Matsuoka-Molotov como uma espectacular vitória diplomática dos países anglo-saxónicos, aproveitando o ensejo para atacar a Grã-Bretanha, cujas posições no Extremo Oriente eram, há muito, objecto das pretensões nipônicas.

Em Londres e em Washington, a celebração do pacto foi objecto de censuras compreensíveis e as duas capitais viram, nos seus órgãos de imprensa, defendido o ponto de vista de que a parte essencial do pacto era constitutiva não pelo que o seu texto revelava mas precisamente por aquilo que ele omitia. A principal omissão, segundo a interpretação dos jornais anglo-saxónicos, estava em a Rússia se não ter comprometido a fazer cessar o auxílio que continuava a prestar ao marechal Chang-Kai-Chek.

Em Moscovo observaram, perante a assinatura do pacto, uma reserva de circunstância. Os dirigentes soviéticos esperavam um ataque do Reich, mas por isso mesmo que o recusavam, não desejavam fazer nada que pudesse ser interpretado como uma provocação ou como um desafio. Era essa a razão fundamental da sua estudadada reserva.

O governo de Chung-King, apesar da omissão de capital importância que referimos, procurou informar-se em Moscovo sobre o verdadeiro alcance do pacto e o governo de Wang-Ching-Wei apresentou um protesto contra a sua celebração.

UM PLANO DE PAZ

O ministro japonês regressou ao seu país no dia 22 de Abril, tendo sido acolhido, ao chegar a Tóquio, como um verdadeiro triunfador. Os acontecimentos haviam de demonstrar, rapidamente, que esta expectativa optimista estava longe de corresponder às realidades. A imprensa japonesa publicou largos relatos da viagem, acompanhando a respectiva parte noticiosa de abundantes comentários de carácter político. Um jornal nipônico, por exemplo, relatava os termos em que decorreria uma das conversas realizadas entre Matsuoka e Estaline, durante a qual este último teria afirmado ao seu interlocutor: «O senhor é um asiático como eu», depois do que ambos teriam bebido à saúde da Ásia. Estaline teria ainda insistido junto do ministro japonês sobre a superioridade incontestável da esquadra nipônica, dando assim a entender que, no caso de um conflito armado com os Estados Unidos, essa esquadra obteria uma vitória rápida e fácil. Estas informações eram apresentadas como correspondendo inteiramente à realidade e visavam a demonstrar que a viagem de Matsuoka se saldara por um êxito total. O ministro nipônico, nas declarações públicas que fez à sua chegada, manifestou um optimismo exuberante, confirmando, mais uma vez, a reputação de bonomia de que há muito gozava.

Seis dias depois da sua chegada a Tóquio, Matsuoka proferiu um importante discurso, aproveitando o pretexto de ter sido aprovado pelo Imperador o texto do pacto nipo-soviético. Matsuoka disse, entre outras coisas, que, na Europa, Hitler e Mussolini estavam crian-

do as condições indispensáveis para organizar uma paz que duraria mil anos. No dia seguinte, o órgão oficial do Gaimusho, o «Japan Times and Advertiser», publicou um artigo que se destinava a ter uma repercussão mundial. Esse artigo incluía dez artigos que, segundo a sua própria expressão, podiam servir como base apropriada para restabelecer a paz no Mundo e impedir a continuação das hostilidades que estavam prejudicando igualmente todas as grandes potências. Os termos propostos pelo jornal japonês diziam, como é natural, especialmente respeito à situação no Extremo Oriente e previa o afastamento da esquadra inglesa das águas orientais, o controle das colónias inglesas de África pelo Reich e pela Itália e das possessões britânicas do Pacífico pelo Japão. A Ásia seria organizada nos termos gerais previstos para a constituição da chamada esfera de co-prosperidade asiática, insistindo o Japão em afastar qualquer possibilidade ou tentativa de hegemonia económica das potências anglo-saxónicas. As bases navais, que ingleses e americanos tinham no continente asiático e no Pacífico, seriam desmilitarizadas.

Estas condições provocaram um movimento unânime de protesto nos jornais dos dois países visados. Mas o artigo do «Japan Times and Advertiser» deu origem a que circulassem, com insistência, boatos de que se tratava de um balão de ensaio, lançado com perfeito conhecimento dos governos de Berlim e de Roma. Nestas duas capitais, esta interpretação foi formalmente desmentida e o próprio ministro dos Estrangeiros japonês aproveitou o primeiro pretexto que se lhe ofereceu para declarar que,

durante a sua viagem pelas capitais do Eixo, não fora nunca encarada semelhante eventualidade.

Quando, em 27 de Maio de 1941, o presidente dos Estados Unidos proclamou o estado de emergência total no seu país, esse facto deu origem a demonstrações públicas em Tóquio, durante as quais apareceu posto em relêvo o valor da armada nipônica, em comparação com as possibilidades da armada americana. Matsuoka voltou a falar em público para condenar a civilização materialista do Ocidente que, segundo a sua interpretação, ignora os grandes valores espirituais que fazem a grandeza imortal das civilizações do Oriente. A raça japonesa estava, por isso, destinada a salvar o mundo da inferioridade em que ele fora irremediavelmente lançado.

A GUERRA GERMANO-RUSSA

Foi no meio destas contradições e discursos que o mundo foi surpreendido pela notícia da declaração de guerra entre o Reich e a U. R. S. S. Como ia esse facto novo e inesperado influenciar a evolução da política externa japonesa? Era evidente que, a partir desse momento, a posição pessoal de Matsuoka se tornava insustentável e que a sua saída do governo era apenas uma questão de tempo. Mas a própria posição do Japão no concerto internacional, entre os seus aliados como entre os seus adversários, se tornava bastante crítica. O desprestígio da diplomacia nipônica era evidente. Não era de acreditar que Matsuoka tivesse saído de Berlim, sem conseguir a aquiescência do governo alemão, aliado do seu país, para o pacto que alguns dias de-

pois devia assinar em Moscovo. Tinham os dirigentes alemães ocultado do ministro japonês os preparativos militares intensivos que já nessa altura estavam fazendo para invadir a Rússia? Ou não o fizeram, deixando o representante do Japão na ignorância do que se preparava e consentindo que ele fosse acusado de duplicidade pelos russos, com quem estivera negociando durante vários dias? Além disso a declaração de guerra do Reich aos soviéticos implicava uma revisão fundamental da política externa japonesa ou o abandono dos acordos diplomáticos que ultimamente celebrara, pacto tripartido, dum lado, pacto com os soviéticos, do outro.

As vicissitudes que essa política atravessara durante os últimos anos, formavam um conjunto desconcertante; e quasi sempre essa característica, tão oposta à linha tradicional da diplomacia nipônica, fora impressa pela natureza das suas relações com as potências do Eixo. Assim é que, tendo tomado, em 1937, a iniciativa do pacto anti-comunista, para o qual conseguira a adesão entusiástica do Reich, o Japão viria com espanto justificado a celebração do acordo germano-russo de 23 de Agosto de 1939. A consequência dessas atitudes contraditórias foi a assinatura do pacto tripartido que, embora continuando a associar as mesmas potências que já se encontravam ligadas pelo pacto anti-comunista, esvaziara este do seu conteúdo ideológico, tirando-lhe uma das mais poderosas armas de influência e de penetração mundial. Mal feito ainda da surpresa que esse acontecimento havia provocado em Tóquio, os japoneses, que acabavam de organizar em novas bases as suas relações com a Rússia, encontravam-se perante o facto consumado de uma guerra entre o seu aliado alemão e o seu amigo russo.

A diplomacia nipônica acusou imediatamente o toque e, embora não tivesse sido feita qualquer declaração oficial, depois do início das hostilidades na frente leste, vários elementos categorizados pronunciaram-se abertamente, pondo em relêvo a surpresa que o acontecimento provocara nos círculos políticos e militares do Japão.

A SAÍDA DE MATSUOKA

O dia 2 de Julho é uma data histórica para a evolução do Japão no sentido da guerra. Nesse dia realizou-se no palácio do Imperador, e sob a presidência deste, uma reunião de chefes militares e de dirigentes políticos para se ocuparem da situação criada pelo conflito germano-russo que se desenrolava dez dias antes. A nota oficiosa que dava conta da referida reunião acentuava que nela tinham sido tomadas importantes resoluções que se prendiam com a marcha dos acontecimentos. Nada foi divulgado sobre a natureza ou o sentido dessas resoluções. Mas desde logo foi tomado como um sintoma, o facto de o Imperador ter presidido à reunião na sua farda de almirante, sendo unânime a interpretação de que as resoluções tomadas diziam, certamente, respeito à esquadra.

A decisão nipônica devia, portanto, orientar-se no sentido dos mares do sul. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Matsuoka, desde logo designado como vítima inevitável do conflito que estalava entre o Reich e a U. R. S. S., fez declarações públicas sobre os re-

(Continua na pág. 23)

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA

FILADELFIA

UM VAPOR A SAIR NA SEGUNDA
QUINZENA DE FEVEREIRO

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS



TRATA-SE:

Em LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 79 e 85

TELEFONES: 2 3021 a 2 3026

No PORTO

R. INFANTE D. HENRIQUE, 73

TELEFONE: 1434

UMA BARRAGEM DA ALTURA DE 225 METROS À REVOLTA DOS ESTETAS

(Conclusão da página 4)

concluída: a barragem Boulder. De início, esta barragem teve o nome de Hoover, em honra do engenheiro que à data foi Presidente dos Estados Unidos da América do Norte. A barragem Boulder é a maior do mundo; a sua grandeza só poderá ser avaliada se a compararmos com outras construídas na Europa.

É dupla das maiores da Europa e tripla da maior construída em Portugal.

Tem uma altura de 225 metros e cria uma albufeira de 36.600.000 metros cúbicos, 160% do caudal integral anual. Durante a sua construção, nas tomadas de água, nos evacuadores de cheias, na central hidro-eléctrica e, ainda na organização dos estaleiros, surgiram difíceis problemas, novos pela sua amplitude e para os quais se encontraram interessantíssimas soluções. O escoamento das águas normais e das cheias foi feito, em cada margem, por dois túneis de 1.200 metros de comprimento e 12,25 metros de diâmetro; por meio de disposições especiais, garantem agora estes túneis, em serviço normal, a passagem de água para a irrigação, a alimentação de parte da central e a evacuação das cheias.

Em cada lado da barragem e nos taludes muito escarpados das margens, estabeleceram-se duas plataformas à cota (272,98) donde partem galerias de 14 metros de diâmetro, onde se encontram os condutos forçados de 9,15 metros cúbicos de diâmetro alimentando parte das oficinas. A entrada de cada galeria, eleva-se uma torre de tomada de água, formada por um tubo de 7,05 metros de diâmetro interior.

São quatro as torres de tomada de água e delas partem outras tantas condutas forçadas. Estas, de início verticais, passam à posição horizontal por meio de um cotovelo de grande raio indo alimentar, cada uma, quatro turbinas. Em seguida, cada conduta é prolongada na máxima carga com o diâmetro de 7,625 metros para alimentar seis comportas de descarga. Estas debitam em pleno 2,160 metros cúbicos. As turbinas, fornecem 795 metros cúbicos por segundo.

De cada lado da barragem, encontram-se os evacuadores de cheias, calculados para evacuar, cada um,

dois terços da maior cheia conhecida. A velocidade da água atingirá aí 55 metros cúbicos para o caudal máximo. Constatou-se que, a esta velocidade, um jacto de água normal ao betão não causaria apreciável desgaste.

A central, como tudo nesta barragem, é grandiosa. É formada por duas alas, a juzante da barragem; a ala Arizona e a ala Nevada. A primeira tem sete turbinas de 115.000 CV, accionando alternadores de 82.500 KVA. e duas turbinas de 55.000 CV, accionando alternadores de 40.000 KVA.; a segunda tem oito grupos do primeiro tipo.

Cada ala de oficina está concedida, por cinquenta anos, a uma companhia que paga a energia à Fazenda Pública à razão de 0,163 cent. o kilowatt hora de energia permanente. O pagamento total é de cerca de 7 milhões e 800 mil dólares anuais. A venda da água, fornecida pelo aqueduto do Colorado e a que é utilizada pelos Sindicatos de irrigantes servindo-se do «All American Canal», produz hoje uma receita superior à anuidade de amortização de 165 milhões de dólares a 4%. O excedente é distribuído pela Fazenda Federal (162,5%) e pelos Estados de Arizona e Nevada.

Os estudos preliminares da barragem e o projecto definitivo foram elaborados pelo Bureau of Reclamation, sem participação da engenharia militar, ao contrário do que sucedeu com a regularização dos cursos de água navegáveis, como o Mississippi.

O custo de toda a obra foi orçado em 165 milhões de dólares, importância esta a recuperar pelo rendimento desta obra colossal.

A barragem Boulder e as suas dependências constituem um conjunto de obras notáveis sob todos os pontos de vista: ousadia de concepção, excelentes disposições de conjunto e de pormenores, judiciosa escolha de processos de execução, emprego de dispositivos técnicos originais, perfeito equilíbrio financeiro.

Passado este período de tanta agitação e ansiedade, esgotado por tanta luta e tanto sacrifício, o mundo reconhecerá e admirará esta grandiosa obra agora concluída.

que estava dentro dos meus princípios e como tal marcava um estado de sinceridade.

Documentei também num depoimento a minha teoria sobre Arte, que a meu ver podia ser decadente, anteriana ou até modernista, o que não evitava que o autor fosse um católico, um anti-parlamentarista ou um integralista.

Idéias de ontem, confirma-as a minha convicção de hoje. E deste modo, eu que em questões de arte permaneço sempre Eu, sem a menor preocupação de padrinagem de quaisquer outros, não quero deixar sem reparo, algumas alusões vindas na «Monarquia» e que me levam a deixar de colaborar no jornal a que aludo, e a endereçar-lhe esta carta para ser publicada por completo e para justa elucidação de responsabilidades.

Há contra os decadentes, que são com algumas excepções moços conservadores em arte, (que não marcam sequer por anónimos que se nos apresentam), uma má vontade que nem sequer discuto.

O que é natural, é que a geração de hoje não faz literatura de bilhetes postais com pastagens e boisinhos — portanto, e se o faz, por excepção, descendo de si mesma — é ainda (e isto orgulha-me tanto!) superior ao que entre os novíssimos há de melhor em discípulos de arte regional, tradicionalista ou idêntica, nos seus processos de continuidade conservadora.

Já o Doutor António Sardinha vê! Eu considero que o nosso Bourget passou à reserva em questões de sensibilidade e confesso que me entediou «Le sens de la mort».

No entanto tenho Wilde, Felipe Trigo, D'Annunzio, Lorrain, creio que não pertencendo a academias e sem tabuleta de produtos de sensibilidade garantidos por alguns anos. Continuo doente de beleza, ao passo que excepcionalmente o doutor, quer acreditar que há meninos e moços de literatura, do Mendes dos Remédios, que estão curados e portanto são, logicamente burgueses, tristemente falidos.

Vem tudo isto a propósito de lhe querer provar, que por esta razão nem abdicó dos meus princípios, nem ando a farejar padrinhagens artísticas que são sempre inúteis e depuradas.

Assim, não pretendo continuar com ironias acerca de coisas de arte sobre a denominação de esteta, aliás superior à de pobre-diabo com a mania de poeta ou poeta escrevendo auto-biografias de pobre-diabo — ou abaixo Fialho de Almeida, Pascoais, Vila Moura, António Patrio que são estetas e abaixo Eugénio de Castro, e Ronald de Carvalho e Mário de Sá Carneiro, o trágico suicida da sua beleza, que são também estetas!

O Século é de nevrose, de inéditos, de belezas imprevisas e obras universalizantes. Ainda se admira Verlaine Rodenback, Samain, Jean Moréas, René Ghil.

Mas pouca gente admira Tomaz Ribeiro, João de Deus e os que fazem lirismo histórico.

Reatando e frisando bem o meu intuito:

Sendo e continuando a ser decadente, impressionista, e europeu na minha sensibilidade de Arte, eu, vendo o antagonismo do meu modo de ser com a coerência que obriga um integralista a ser um artista com

cartilha de emoção para a sua arte, escrevo com toda a naturalidade o que vai ler-se.

Ficarei com os meus princípios, como um estado individual de convicção integralista — o que aliás tenho sido e o declarei na minha carta de convicção individual das doutrinas integralistas — e não como um integralista filiado, sujeito a determinações partidárias e a censuras artísticas ou ironias de asfalto. Creio ser sincero, profundamente sincero e honesto na minha exposição.

Meço a sua necessidade, porque crente na minha própria ânsia de beleza, eu não podia ser vítima dela, o que equivalia a abdicar de mim mesmo, sem que me suicidasse emotivamente, artisticamente ou orgulhosamente, como motivo do meu próprio orgulho.

É por ser verdade tudo o que venho de dizer, o meu caro Dr. A. Sardinha, que encostou a sua sensibilidade à tradição e ao além-dos-avoes-jos, o dirá aos seus leitores e o comentará a sua feição.

Se fôr necessário réplica, as minhas frases não se farão esperar.

Adeus. Seu admirador

CORREIA DA COSTA

(Aos 6 de Setembro do ano de MCMXVII da Era Cristã. Em «A Monarquia» de 14 de Setembro de 1917).

IV — CONCLUSÃO OU EXPLICAÇÃO FINAL.

São passados vinte e cinco anos, um quarto de século, e o autor em questão educado numa formação mental lusitanizante ou lusíada, evoluindo a-dentro dum sentido nacionalista no campo da criação literária, o que o leva a um sentido maior de internacionalização artística, pode dizer do seu documento de mocidade, de há cinco lustros, que ele é perfeitamente coerente a-dentro das suas contradições. Esta tese revela-se com o nosso poema *D. Sebastião*, que sendo estruturalmente nacionalista e de essência lusíada — é vestido, excepto nalgumas dezenas de redondilhas, — pelos mais inéditos e fêricos ritmos de sonância altamente «vers-librista» e impressionista.

Conta Suétonio que estando Tibério na agonia, este tirou o seu anel de sempre, o anel das vicissitudes e grandezas da sua existência e o pretendeu oferecer a algum dos seus mais dilectos amigos.

Reflectindo, depois de rápidos segundos de hesitação e de dúvida, pô-lo de novo na sua mão extenuada e exangue.

Segundo este exemplo e alongando-o humanamente a outros horizontes mentais e a outros climas de espírito, nunca devemos ceder um mínimo do que nos pertence.

Desta maneira, é perfeitamente harmónica toda a coerência que possa existir entre as nossas contradições e altamente compreensível o pensamento de Nietzsche: «on ne produit qu'à condition d'être riche en antagonismes».

(¹) Referência a Alfredo Pimenta e a alguns dos seus discípulos.

(²) Semanário monárquico de Coimbra, dirigido por Luiz Vieira de Castro.

CORREIA DA COSTA

UM CONTO BRANCO

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 15)

sorriam felizes ao lembrarem-se das riquezas que lhes haviam entrado pela porta e a formosa Isabel mirava umas vezes a cara de Joãozinho e outras o anel.

De súbito soltou um grito. Quando movia a mão, fazendo brilhar o diamante aos raios do sol, viu que ele vacilava e por fim caía convertido numa grande lágrima que preses se evaporou.

— Não importa! — disse Joãozinho. O Inverno terminou.

Como não podia dar mais explicações, ninguém o compreendeu. Porém, eram tão felizes que não pensaram mais no caso.

Isabel e Joãozinho casaram-se. O sapateiro curou-se. E todos juntos fizeram tanto bem como se ainda tivessem o anel, só com o talismão dos seus corações bondosos.

AQUI JAZEM
TODOS OS DENTES

que não têm ridículos lavar
com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
HÁ MÚLTIPLOS
MEDICINAIS
e capazes de
destruírem as
micróbios da
boca, só há uma
ESTA
estomacal
mercuriais
ou bismutais
TRATA
gengivas dos
carnadas
Couto, 6 - Porto
L. 5. DOMINGOS - 10.6

RUMORES DO MUNDO



Foi no dia 18 de Dezembro de 1942 que se reiníram em Berchtesgaden o chanceler da Alemanha, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália e o chefe do Governo de Vichy. Quais as consequências dessa conferência?

LAVAL

Depois de acaloradas discussões, em que foi apreciada a culpabilidade do governo de Vichy no desembarque Aliado nas possessões francesas do Norte de África, foi assinado, segundo informações divulgadas, um acordo, compreendendo dez cláusulas, que passarão a reger os futuros entendimentos entre o III Reich e o Governo de Vichy.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Conclusão da pág. 21)

sultados da reunião, para pôr em relevo a gravidade dos problemas que o seu país tinha de resolver, os quais se prendiam com o presente e o futuro do continente asiático e do Pacífico. O príncipe Konoye proferiu um discurso radiodifundido, em que se referia às dificuldades causadas à importação japonesa pela guerra da China, para dizer que os produtos que não pudessem ser obtidos no país deviam ser conseguidos nos territórios designados com o nome de esfera de co-prosperidade asiática. Alguns dias depois, tornava-se pública a informação de que o governo de Tóquio decidira requisitar todos os navios mercantes. E não tardou muito que a imprensa desencadeasse uma violenta campanha anti-britânica, dizendo que o governo de Londres procurava cercar a Tailândia e ameaçar a Índia-China.

Foi nessa altura que o príncipe Konoye abandonou a direcção dos negócios públicos sem ter podido dar a nenhum dos problemas pendentes, à data da sua chegada ao poder, uma solução adequada. Com espanto geral, o príncipe foi encarregado de constituir um novo governo, o que fez no curto prazo de vinte e quatro horas. A principal modificação operada era a saída do ministro dos Estrangeiros, que aparecia substituído pelo almirante Toyoda, um oficial de marinha que gozava de grande prestígio na sua corporação. Os ministros da Guerra e da Marinha, general Tojo e almirante Sokonji, continuaram em funções, o que significava que tanto o Exército como a Armada continuavam a apoiar o governo a que presidia o príncipe Konoye. Dêse governo faziam parte quatro generais, três almirantes e dois homens de negócios, que representavam os interesses da banca e da grande indústria. A sua presença no governo constituía um sintoma de gravidade da situação.

(Continua)

As cinco primeiras cláusulas favorecem, indiscutivelmente, as nações do Eixo:

1— Cinco contra-torpedeiros — provavelmente os únicos que escaparam do afundamento da esquadra de Toulon — são entregues à marinha de guerra germânica.

2— Os dois departamentos situados na região mais ao norte da França — toda a costa do Pas-de-Calais, considerada zona militar interdita, logo que se deu a capitulação francesa — não serão restituídos pela Alemanha.

Segundo se depreende, esta cláusula quer dizer que, em caso de vitória alemã, a França perderá para todo o sempre as 100 milhas de linha de costa que mais próximo e directamente ameaça a Inglaterra. Esta perda deve ser muito sensível para a França, visto que, com ela, lhe são arrebatados, os portos de Dunquerque, Calais e Boulogne, e, bem assim, as importantes cidades interiores de Lille, Arras, Roubaix e Cambrai.

3— A indústria, as finanças e a agricultura francesas passam completamente para o controlo da Alemanha.

4— O chefe do Governo francês compromete-se a mandar para o Reich 400.000 operários não especializados.

5— O chanceler alemão servirá de árbitro, em todas as futuras negociações franco-italianas.

Crê-se que este ponto se refere à ocupação da Córsega, pelos italianos, e a uma parte da zona de Vichy, cuja ocupação pôde ou não vir a ser considerada permanente e definitiva.

A 6.ª cláusula não favorece nem um nem outro dos signatários, pois apenas estabelece que a questão do regresso do governo de Laval a Paris se encontra suspensa, até os dirigentes de Vichy demonstrarem cabalmente os seus desejos sinceros de colaboração com o Governo alemão.

Nos restantes quatro pontos do tratado, Laval conseguiu obter algumas concessões que verificaremos, pois passamos a reproduzi-las:

7— O chefe do Governo francês fica com mais largos poderes de administração e controlo directo sobre a política, em todas as regiões da França, com excepção das províncias anexadas pela Alemanha.

8— O chanceler germânico promete que será o governo de Laval o último com o qual negociará.

Esta declaração parece destinada a pôr de parte a presumível sucessão de Doriot e Déat — que violentamente tem atacado Laval na imprensa de Paris.

9— O Fuehrer desiste da ideia de recrutar obrigatoriamente, um exército francês para combater ao lado do Eixo, contra a Grã-Bretanha e Estados Unidos.

10— A antiga linha de demarcação entre as zonas ocupada e não-ocupada não é abolida.

Esta última disposição parece um pouco estranha, pois não percebemos bem qual o fim a atingir com ela. É curioso acentuar, a propósito, que nesta conferência o chefe do Governo de Vichy falou em nome dum país que já não possui marinha nem exército nem colónias, e que não dispõe, hoje, de qualquer parcela de território nacional independente.



DR. GOEBBELS

O que foi o «Plano de Rathenau» e qual a sua relação com a actualidade?

O «Plano de Rathenau» deu origem, em 1918, ao «levantamento em massa» das reservas alemãs e foi elaborado por Walter Rathenau que, nessa ocasião, desempenhava as funções de ministro dos Abastecimentos e do Material de Guerra da Alemanha imperial. Esse levantamento traduziu-se na substituição dos homens pelas mulheres nas fábricas, no encurtamento das linhas de batalha e, por último, na conversão da Alemanha numa fortaleza independente da economia extra-europeia.

Este plano foi agora recordado por motivo dum artigo, publicado em *Das Reich*, pelo Dr. Goebbels, afirmando que o povo alemão terá de realizar ainda maiores sacrifícios do que quantos tinha feito, pois, vão ser mobilizadas as «últimas reservas» do III Reich — o que, aliás, é confirmado pelos telegramas de diversas origens anunciando que foi publicado na Alemanha um decreto segundo o qual tinham de se inscrever todos os homens dos 16 aos 65 anos e todas as mulheres dos 17 aos 45.



CUNNINGHAM

Qual é a nova situação do almirante Cunningham, dentro do quadro da oficialidade da armada britânica? Quais as outras promoções registadas na mesma ocasião?

O almirante sir Andrew Browne Cunningham — a quem os ingleses, muito pitorescamente, chamam o ABC da marinha, por serem essas as iniciais dos seus três nomes — foi promovido a almirante da esquadra. Esta nomeação preenche a vaga deixada pelo conde de Cork e Orrery, o qual acaba de cumprir a permanência de cinco anos naquela patente.

Cunningham, que tem 59 anos, é um dos melhores oficiais da marinha de guerra britânica. Foi êle quem comandou as operações navais no ataque a Taranto e na batalha de Matapan, contra os italianos. Desde Abril até Novembro de 1942, desempenhou as funções de chefe da delegação do Almirantado em Washington.

Quando se realizaram os desembarques dos Aliados no Norte de África, Cunningham chefiou as forças navais que protegiam os «combóios».

Dos outros oficiais promovidos na mesma altura, destacam-se: sir G. C. Royle, de 57 anos, que combateu na batalha da Jutlândia, sendo perito em artilharia naval, especializado no comando de porta-aviões e que foi promovido de vice-almirante a almirante; sir John Cronin Tovez, de 57 anos, distinguido com a Ordem dos Serviços Distintos na batalha da Jutlândia, e que é o actual comandante supremo da «Home Fleet» a êle devendo os ingleses o afundamento do «Bismark», sendo promovido de vice-almirante a

almirante; sir G. F. B. Edward Collins, de 59 anos, especialista em navegação, ex-chefe do estado maior da esquadra do Mediterrâneo e governador-interino de Gibraltar, foi promovido de vice-almirante a almirante; contra-almirante A. L. St. G. Lyster, de 54 anos, chefe dos Serviços Aero-Navais, que se encontrava a bordo do porta-aviões «Illustrious», quando este vaso de guerra foi danificado por aviões alemães, ao escotar um «combóio» para a ilha de Malta, e que passa a vice-almirante:



GIRAUD

Uma das mais complexas questões da política norte-africana parece ser a dos internados. Qual a proveniência destes prãos políticos?

É muito variada. Cerca de 15 a 20.000 são republicanos espanhóis, deportados de França; 5 a 10.000 são judeus que fugiram das regiões ocupadas pelas potências do Eixo; 10.000 a 15.000 são anti-fascistas de diversas nacionalidades e 2.000 são ex-membros da Brigada Internacional. Estes números dão um total aproximado de 65.000 prisioneiros, divididos por oito campos de concentração em Marrocos e uns nove, na Argélia.

7 DIAS DE CINEMA

(Conclusão da pág. 6)

— resolve conquistar o médico ingénio, «que foi a primeira a ver»; a terceira casa com o rapaz que nunca desanimou ante a calma dum amor, que se traduzia apenas amizade; e Priscilla essa, ao fim do segundo filme, anda a correr atrás duma quimera, vai no segundo casamento — e não sabemos se encontrou ainda a felicidade...

Entre os vendavais da sorte, só uma coisa permanece imutável: a velha casa onde nasceram, as salas onde viveram as horas ansiosas dos seus sonhos de mulheres — o «home sweet home» porto de abrigo de todas elas, onde encontram o calor, o ambiente, o conforto da família no momento em que as tempestades da vida lhes fazem apeteecer a paz e a tranquilidade do seu passado.

E quando, na sala do rés-do-chão, todas se agrupam no concerto habitual — uma sensação de segurança e bem estar, desce sobre os corações, e o balsamo da música atenua os desgostos, modera as tristezas, suaviza as desilusões...

A casa do velho Lemp — é o traço de união da família. E esta ideia parece perdurar, através de todas as vicissitudes, de todos os dramas das quatro filhas, mesmo quando são noivas — ou quando são mães.

No cinema é assim. Oxalá na vida sempre assim fôsse...

ALMIRANTE **HALSEY**

O CHEFE DA ESQUADRA
AMERICANA DO

PACÍFICO

QUE ESTÁ DANDO COM-
BATE A FROTA DO JAPÃO

